

# ABERTURA

TEATRO  
AO  
ENCONTRO DO POVO

POR UM MUNDO MELHOR  
PELA RENOVAÇÃO POPULAR  
DA CULTURA NACIONAL  
POR UMA ABERTURA

COM UM ROTEIRO  
DE COMPRAS  
DO RIO DE JANEIRO

21 FEV 1995

Arquivo de Documentação

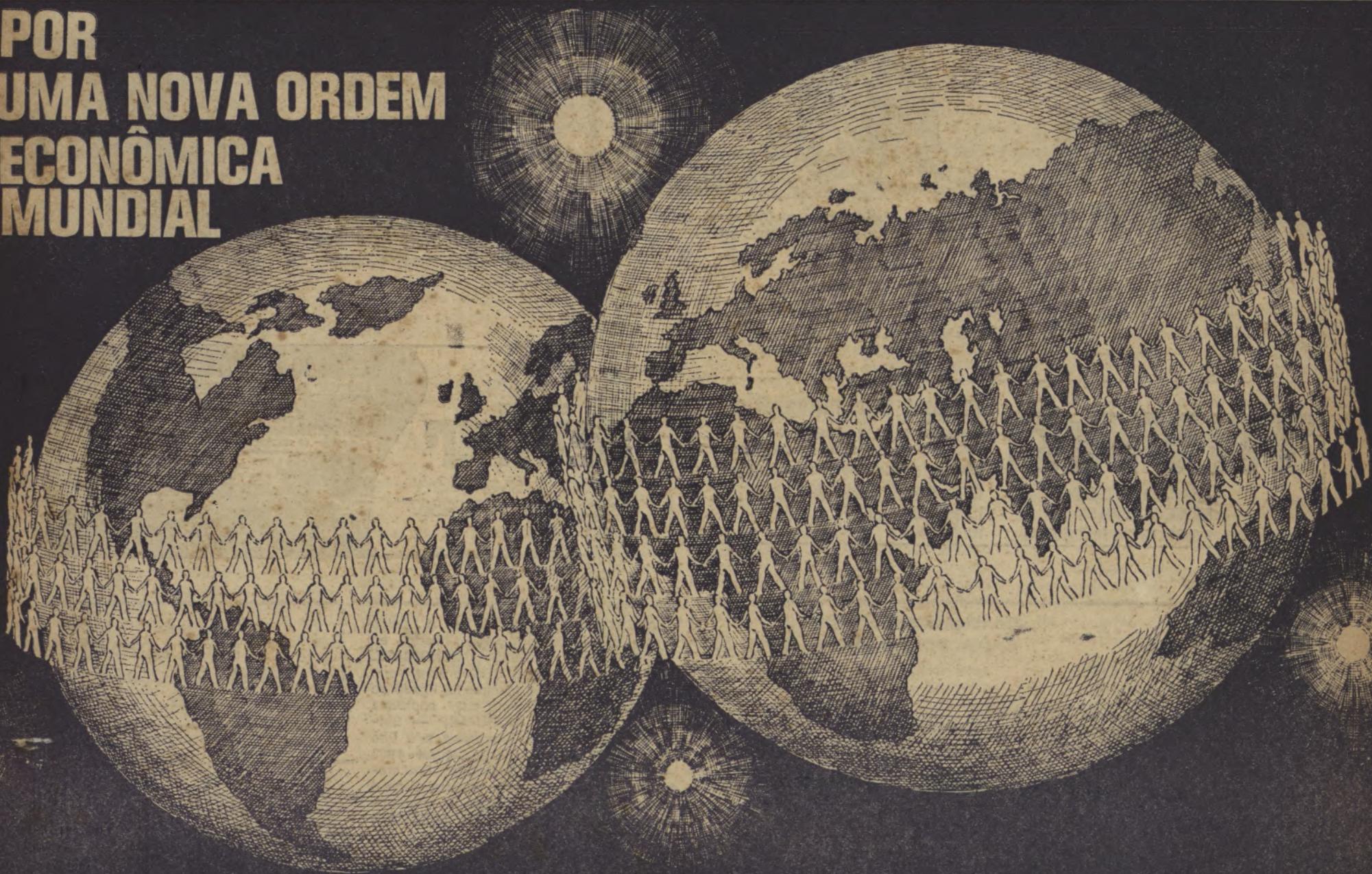
Cr\$ 7,00

MENSÁRIO CULTURAL — RIO DE JANEIRO — NOVA FASE — ANO 3 — N.º 25 — Em PORTUGAL 25 Escudos

O JORNAL DE OTTO E FLORENCE, DO TALES, RUIZ E BASTOS MELLO, DA BETÍ E DO DAVÍ,  
DO NEIVA, LICO WAGNER E ANDRÉ, DA ALINA, DO PIRES, JADIR, GEORG, ACÁCIO VIEIRA E  
GUSTAVO, DA HELENA, DO ELCIO E LUCIANO, O JORNAL DE VOCÊ - SIM DE VOCÊ TAMBÉM  
POIS A ABERTURA É PARA VALER.

## Usinas Nucleares - Fascismo Tecnológico

POR  
UMA NOVA ORDEM  
ECONÔMICA  
MUNDIAL



Hora da Decisão

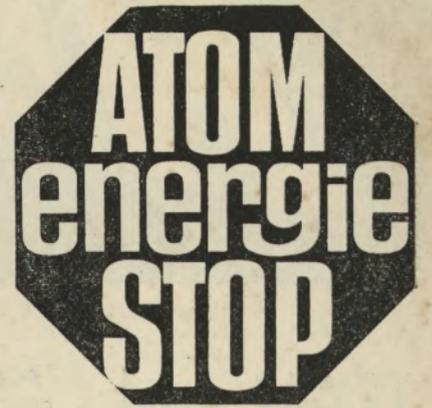
# Usinas Nucleares - Fascismo Tecnológico



Segurança acalma. Energia Nuclear cuida da SUA LUZ ETERNA.



Chocolate de Leite de VACAS RADIOATIVAS.

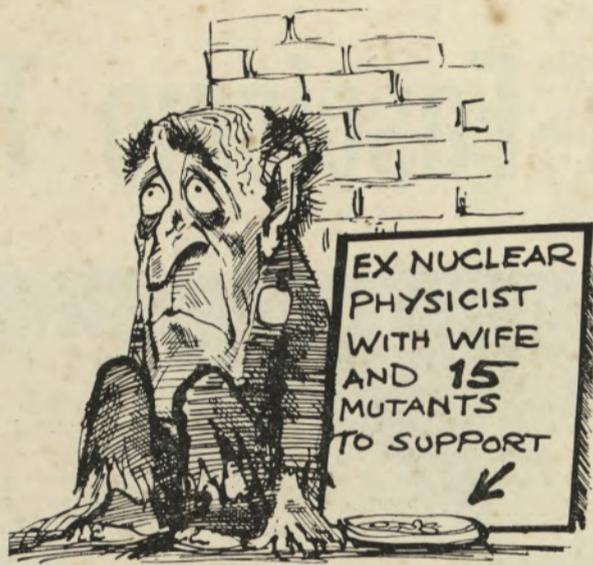


KEIN ATOMKRAFTWERK IN BROKDORF ODER SONSTWO!

Energia nuclear cria EMPREGOS  
Nada de usinas nucleares em Brckdorf ou qualquer parte!



Afaste-se por 250.000 anos. RADIOATIVIDADE.



Ex-físico nuclear com mulher e 15 mutantes para sustentar.

## DERROCADA

Na ALEMANHA, nos ESTADOS UNIDOS e em toda parte, define-se a derrocada da energia nuclear, rejeitada pelos cientistas e pela opinião pública por seus enormes perigos ambientais, que põe em risco o futuro da humanidade. Estas charges tiradas da revista alemã "SPIEGEL" (circulação de mais de 1 milhão de exemplares) e de várias prestigiosas publicações norte-americanas, mostram a evolução da opinião pública mundial, que rejeita cada vez mais esta tecnologia mortífera. Para confirmar ainda mais este quadro de derrocada nuclear dois diferentes tribunais da Alemanha proibiram a construção de usinas nucleares planejadas para Whyll e Brokdorf, o que praticamente significa o fim do programa nuclear alemão.

Parem a Energia Nuclear  
Stop Nuclear Power



It's Murder!  
É ASSASSINATO!

**DOMINÓ** Cozinhas Cinematográficas  
PROJETOS E ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO  
TERÇAS E SEXTAS ATÉ 22 HORAS

AV. PRINCESA ISABEL, 245-A	TEL. 275-3295	COPACABANA
R. CONDE DE BONFIM, 577-A	TEL. 258-3822	TIJUCA
R. BARÃO DE SÃO FRANCISCO, 345	TEL. 208-0248	VILA ISABEL

Boutique  
**Sentier**  
R. Xavier da Silveira, 23-A  
Tels. 255-0980 - 235-2887  
Copacabana

Sentir a vida na sua plenitude na sinfonia das cores no ritmo das formas.  
Sentir o aconchego, a carícia suave de um vestido tecido de nuvens flocosas e raios de luz

EXPEDIENTE: **ABERTURA CULTURAL**  
Teatro ao Encontro do Povo  
Publicação mensal da **ABERTURA CULTURAL EDITORA LTDA.**  
Diretor responsável: ANDRÉ DELANO BUCHSBAUM  
Órgão do movimento TEATRO AO ENCONTRO DO POVO dirigido por OTTO e FLORENCE BUCHSBAUM  
RIO DE JANEIRO — ANO 3 — Nº 25 — 1977

Composto e impresso na Gráfica Castro Ltda.  
Rua Pedro Ernesto, 85 - Tel.: 243-8565  
Distribuído em todo território nacional.

Distribuído em Portugal, Ilhas, Angola, Moçambique, restante Europa, África e Ásia — AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS — Rua Saralva de Carvalho, 207 — Lisboa 3 — Portugal  
Em Angola:  
Rua de Malanga, 83 LUANDA  
República Popular do Moçambique:  
Prédio Negrão 2º andar nº 7 Maputo

Correspondência para:  
CAIXA POSTAL 12.193 ZC-07 RIO

ABERTURA CULTURAL é o único jornal em língua portuguesa fillado ao ALTERNATIVE PRESS SYNDICATE, P.O. Box 777 Cooper Station New York, NY, 1003 USA sendo igualmente ligado ao setor do Sindicato acima que coordena a América Latina INDOU-ASP — Sindicato de la Prensa Alternativa c/o Eco Contemporâneo — C.C. Central 1933 — Buenos Aires — Argentina. Em ambos locais (Nova York e Buenos Aires), poderão ser obtidos tanto os números atrasados como o atual de ABERTURA CULTURAL.

Pela presente fica estabelecido que OTTO BUCHSBAUM assume expressamente a responsabilidade com relação a todo conteúdo deste jornal, tanto com relação aos artigos assinados, quanto as matérias sem assinatura.

PARA ANUNCIAR  
TEL. 255-2506  
RIO

DISCOS NACIONAIS E IMPORTADOS

**Billboard**

Barata Ribeiro, 502 Loja E  
Tel. 267-2330  
Aim. Gonçalves, 50 Loja E  
Tel. 236-1345  
Rua Santa Clara, 115 B  
Tel. 267 5370

# Olá Gente

O problema dos **direitos humanos** mais do que nunca está em foco. A áspere troca de notas entre o Brasil e Estados Unidos, mostrou até que ponto as autoridades brasileiras, tem com relação a este assunto, uma sensibilidade à flor da pele. O governo se sente injustiçado, pois acredita ter feito esforços para acabar com a tortura e outras violações dos direitos humanos, como também por ter restabelecido em grande parte o debate e a possibilidade de crítica através da imprensa. Mas a verdade é, que **direitos humanos** são algo indivisível, algo que inclusive ultrapassa os termos do debate que se trava.

Torturas e violências tanto no Brasil como em outros países, normalmente não são resultado de ordens diretas de governantes. São escalões inferiores ou intermediários que procuram captar, entre as linhas de uma ordem, um sentido suplementar, ou procuram mesmo ler nos olhos do homem que comanda, a justificativa para espancar, torturar, prender indiscriminadamente, ou demonstrar rapidez no gatilho, numa ação que poderia ser encarada com maior serenidade e respeito pela vida humana.

Eu acho que toda autoridade em posição chave deveria esclarecer de uma vez para sempre aos subordinados: "Quando eu chegar algum dia aqui carancudo, mal-humorado, isso pode ser resultado de uma azia, de qualquer problema existencial (autoridades também tem) ou de flutuações entre euforia e depressões, que todo mundo tem direito a ter, mas por amor de Deus, não interpretem isso, que precisa bater em gente, que precisa maltratar..."

A chamada ingerência norte-americana na questão dos direitos humanos no Brasil, poderia em parte ser evitada se não tivesse sido sufocado, o debate nacional a respeito. Evitou-se a instalação de uma comissão parlamentar de inquérito em torno, também não se permitiu a convocação do Ministro da Justiça para dar esclarecimentos ao Congresso, sobre os casos de quebra dos direitos humanos e sobre a ação do governo para corrigir estas falhas. Dois vereadores de Porto Alegre foram cassados, ao que me parece, não pelo restante dos seus discursos, mas pelo uso da palavra "tortura". Isto me lembra velhas anedotas sobre Napoleão: Napoleão recebeu uma carta na qual constava a palavra "impossível" — devolveu a carta com a observação "impossible" não é uma palavra francesa. Outros dizem que Napoleão sempre afirmava: "Impossible" não consta dos nossos dicionários". Vendo Moscou em chamas, na passagem da Beresina, em Waterloo, mais tarde em Elba e Santa Helena, o grande cabo de guerra deve ter feito uma revisão neste seu conceito.

Não adianta riscar a palavra "tortura" dos dicionários, nem adianta remover o divã...

Se nós tivéssemos ao menos iniciado o debate nacional em torno do tema, poderíamos as nossas autoridades ter enfrentado as indagações norte-americanas com bem mais serenidade.

Compreende-se os bríos nacionais com relação à ingerência americana. Depois de séculos de ingerências portuguesas, inglesas, americanas, e outras de menos destaque, é compreensível que queiramos ser donos do nosso destino. Mas a soberania nacional não se defende apenas num "week-end" de muitas notas diplomáticas, mas se defende dia-a-dia, na luta por melhores termos de comércio, na defesa contra as impunes investidas das empresas multinacionais, na defesa dos reais interesses nacionais ameaçados, e há tantos. Escolher **direitos humanos** como pivô de uma crise diplomática, depois que toda imprensa e televisão noticiou gostosamente, gestos como a missiva de Jimmy Carter ao dissidente soviético Sakharov, francamente não está à altura das tradições do nosso Itamarati.

Além disso, com o mundo moderno encilhando, com a clara interdependência global, o termo **soberania nacional** necessita de revisões constantes. DIREI-

**TOS HUMANOS** realmente transcendem fronteiras, são tema inevitável de um fórum internacional. Tem razão sem dúvida os que argumentam, que nem os Estados Unidos, nem Jimmy Carter, tem procuração da humanidade, de em nome dela, arvorar-se como juiz com relação a outras nações. Mas nesta maneira de pensar ressoa toda amargura da América Latina e de muitos outros, contra a América de ontem, antes de Carter, um passado com o qual o novo Presidente exatamente pretende romper. Parece até piada, se um jornal conservador da Nicarágua chama a nova política de Jimmy Carter com relação aos direitos humanos, de política de **Big Stick** (porrete), quando exatamente o **Big Stick** do passado, transformou este país num a fazenda dos Somoza em co-administração com a United Fruit.

Agora os **Direitos Humanos** são coisa mais ampla do que se pôs em debate. Não se resume a casos de tortura, espancamentos, prisões injustas, limitações as liberdades — ir e vir — ter opinião e expressá-la — de imprensa — de participação nos debates nacionais — de educar-se, livre de medo e repressão — de garantias para suas atividades políticas, religiosas etc. — mas sem dúvida alguma o conjunto destas liberdades acima adquire só um sentido superior, quando tudo isso ajuda a melhorar as condições de vida do povo. Alimentar-se condignamente e ter todas condições fundamentais de subsistência — é o **DIREITO HUMANO Nº 1**. A política econômica do governo, no seu afã de queimar etapas, na sua ênfase na exportação e na produção de artigos exportáveis, o modelo econômico que promove a exportação de produtos agrícolas, sem se preocupar com os que passam fome, sem ver as consequências da falta de proteínas e calorias, que estão na raiz do aumento da mortalidade infantil e que prejudicam profundamente a capacidade produtiva da Nação — eis, na minha opinião, a mais grave violação dos direitos humanos, de que poderiam acusar-nos. Eis um tema importante para o debate — por isso a liberdade de imprensa — a livre discussão em todos níveis, adquire tanta importância. Para mudar isso, para estudar alternativas, para cuidar do que mais precioso temos — o homem — precisa uma abertura política global e sem limitações.

• Outra das típicas questões, onde falta debate, é o acordo nuclear Brasil-Alemanha. Afirma-se e reafirma-se até a exaustão, que o Brasil tem direito à tecnologia nuclear e que o tratado uma vez firmado tem que ser cumprido. Novamente se aponta a intromissão dos Estados Unidos como argumento. No mundo todo inclusive na Alemanha está se questionando a conveniência da energia nuclear, do ponto de vista da segurança, das consequências ecológicas, leva-se em consideração o fardo que as gerações futuras terão que suportar guardando os mortíferos resíduos radioativos. Ao mesmo tempo, olhando para as usinas em funcionamento, questiona-se a rentabilidade econômica e energética. Na Alemanha, a resistência contra a construção de usinas é tão grande e cresce com tanta rapidez, que o licenciamento de novos reatores já foi suspenso, e dentro do partido Social-Democrático, como também dentro do Partido Liberal, que governam em coalização está se chegando a um consenso, que se não é para proibir as usinas desde já, deve-se introduzir uma pausa de alguns anos para pensar. Nos Estados Unidos, onde surgiram os primeiros grandes movimentos anti-nucleares, já há uma parada para novas instalações, e o descalabro final da indústria nuclear é apenas uma questão de tempo. Esta situação se repete em todos países, que já fizeram experiência com a energia atômica. Nos países subdesenvolvidos continua crescendo a ânsia pelo "fruto proibido", e a argumentação do governo norteamericano com referência à proliferação de armas nucleares é repelida. Contra as usinas em si, o governo Jimmy Carter não pode

argumentar, o establishment atômico norteamericano continua resistindo e enquanto não se fechar as usinas nucleares lá, o que fatalmente dentro de poucos anos se vai fazer, o governo dos Estados Unidos não tem posição moral bastante forte, para pôr o problema no prisma geral.

A atitude brasileira de não tomar conhecimento de riscos e desvantagens e insistir cegamente na concretização de um acordo natl-morto é totalmente irreal. Do ponto de vista técnica, mesmo admitindo que a opção nuclear tenha validade, o acordo é um verdadeiro monstrego. Fez-se opção por urânio enriquecido, sem ter nenhuma garantia de poder obter este combustível. Adquiriu-se, ou melhor há a pretensão de adquirir uma usina de enriquecimento de urânio com o sistema experimental jet-nozzle, sem certeza que possa ter aplicação industrial. Mas mesmo se em geral funcionar, será muitíssimo inferior e mais caro que o método da difusão gasosa atualmente em uso nos Estados Unidos. Com o registro da patente de Arthur Kantowitz da separação por laser, e com a farta comprovação deste método, a própria difusão gasosa, agora usada se tornou um método do passado, e o jet-nozzle se tornou menos que uma piada de mau gosto. Na separação dos isotopos de urânio por laser consegue-se ionisar o Urânio 235, que assim com carga elétrica é facilmente atraído por um campo eletro-magnético, num processo barato e de extrema simplicidade.

Na insistência em concretizar com pruridos nacionalistas e argumentos emocionais um acordo nuclear, esquece-se todas alternativas energéticas de muito maior importância. O progresso tecnológico que se procura alcançar, transforma-se assim em atrazo ainda mais acentuado.

• A proibição e apreensão do livro "A DITADURA DOS CARTÉIS" de Kurt Rudolf Mirow, lança um interessante foco de luz sobre as nossas estruturas de dependência. O autor, diretor da Codima S.A., empresa brasileira com mais de um século de tradições, acordou para a plena realidade da influência dos trustes, quando sentiu na própria carne as garras de empresas multinacionais, cartelinizadas, de ação orquestrada, para eliminar, estrangular todos concorrentes nacionais e ficar com um mercado cativo, indisputado.

A partir deste momento, Mirow não só resistiu como empresário nacional contra as investidas, mas estudou a fundo o problema de cartelização em escala internacional. Descobriu coisas estarecedoras. É um livro recheado de fatos fartamente documentados, incontestáveis. Um livro essencial para compreender a furido os nossos fatos econômicos, a influência avassaladora e cada vez mais crescente da onda de desnacionalização e da nossa dependência econômica cada vez mais acentuada. A apreensão do livro visa tapar o sol com peneira, pretendo evitar, sem dúvida a serviço dos interessados, que os fatos relatados atinjam o endereço certo, os estudiosos da nossa economia, os patriotas preocupados com nosso destino e principalmente os oficiais das nossas Forças Armadas, preocupados, com justiça, com o futuro nacional. A nossa soberania não se defende em "week-ends" retóricos, mas na defesa intransigente dos nossos interesses contra a dominação econômica multinacional. Retirando o livro "A DITADURA DOS CARTÉIS" da circulação, sonogou-se informações essenciais, aos que tem direito de obtê-las, sem dúvida um caso de SEGURANÇA NACIONAL.

• Certo prelado conhecido pela sua vinculação a TFP tachou os bispos, D. Thomas Balduino e D. Pedro Casaldáliga de comunistas, na evidente confusão com as naturais preocupações sociais, especialmente fortes para quem vive os problemas da expropriação de índios e posseiros nas regiões pioneiras, como o Vale do Araguaia. Mas também há no caso um equívoco fundamental; o cris-

tianismo não é a religião de Herodes, nem de Pôncio Pilatos, o cristianismo, para os que se agarram aos privilégios, tem que ter um conteúdo chocante, dos velhos profetas ao sermão da montanha, de Gólgota ao Coliseu dos mártires de Roma. O apressado prelado esqueceu mais uma coisa: Paulo VI já afirmou em palavras incisivas: "Quem toca em D. Pedro Casaldáliga, está tocando em mim!" Palavras que se estendem evidentemente a D. Thomas Balduino, com sua incansável ação em favor dos índios e a todos sacerdotes que abrem seus ouvidos e corações para os gritos de angústia dos sem-poder, que vivem o evangelho em fraternidade, sempre ao lado do povo.

OTTO BUCHSBAUM

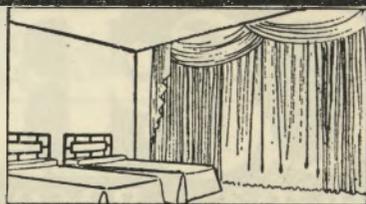
**Malkaria Monviso**  
**Monviso** **Monviso**  
**Monviso**  
 visconde de pirajá, 580  
 sub-solo 106 Ipanema  
 Macae Campos Cabo Frio

**CYL** **CYL**  
**INDÚSTRIA E**  
**COMÉRCIO DE**  
**ROUPAS LTDA**

**CALÇAS**  
**modelos jovens**  
 Jeans delavé, acetinado, etc.  
**ATACADO** **Pronta Entrega**  
**VENDAS:** { 237-9884  
 9-AND./903 | 256-5953  
 AV. COPACABANA, 605-9- AND. 910

**CANTINHO SONORO - STUDIO**  
**TUDO PARA ELETRÔNICA**  
 VENDA DE  
 EQUIPAMENTOS  
 DE SOM  
 \*  
 COMPONENTES  
 ELETRÔNICOS  
 \*\*\*\*\*  
 RUA TONELEROS, 316  
 LOJA D - TEL. 237-7327

**Elétrica - Ferragens POLLINO**  
 Fios - Cabos - Lâmpadas - LUSTRES - Registros  
 Filtros  Torneiras  
 Jogos Fluorescentes - Ferragens P/Banheiros  
**R. TONELEROS, 316 - A TEL. 235-3477**

**DECORAMARTE**  
  
**Cortinas · Colchas · Forração**  
**Tapetes · Cortinas Japonesas**  
**Persianas · Pagamento facilitado**  
 HA SEMPRE NOVIDADE NA DECORAMARTE  
 TEL. 236-5049  
 R. SANTA CLARA, 115 - S/LOJA 202

**CURSO PRÉ-PRÉ**  
 SUPLETIVO [ 1º Grau (Ginásio)  
 (ex Art. 99) [ 2º Grau (Científico)  
 Turmas Novas - Manhã\* Tarde\* Noite  
 AV. COPACABANA, 435 salas 507-508

# Os Passeios do Rei

CLOVIS MALTA

quase sufocados sob um repicar inesperado de sinos no meio da noite, barulho de carro freando, mas no final o momento tão ansiosamente perseguido acabou por se concretizar: suas mãos se fecharam sobre o gato assinalando vitória. Riu, então, feliz porque tudo terminara. E ainda rindo assim, foi voltando sem pressa, pensando no quanto era engraçado a figura da mulher ali caída no meio-fio deserto cansada.

— Boba! — sussurrou-lhe no ouvido. Ele está aqui... Vê? Atravessou ruas, praças, mas acabei vencendo: capturei-o. Feliz, agora? — E gargalhou de novo.

Mas então, de brusco, silenciaram os sinos, os latidos dos cães, evaporaram-se os carros. E, no rosto do homem, os risos deram lugar ao espanto ante a palidez da mulher, o frio, o sangue... Depois, veio o desespero e uma única palavra: Morta?

Liberto de novo, o gato foi voltando ao edifício e, tão seguro como em seus inúmeros regressos de passeios no interior, subiu as escadas até ultrapassar a porta que já lhe era conhecida. Imediatamente, houve risinhos se espalhando lá dentro, música saindo da vitrola.

— Eles vêm aí — disseram. Acendam as velas.

Era domingo de noite, no entanto, e a cidade estava vazia de carros, ainda que muitas luzes continuassem se acendendo nos edifícios ante os gritos que vinham da rua. É que a mulher desfalecida pesava nos braços e o homem procurava inutilmente o caminho de volta.

Extraído de **TEIA** — CONTOS, Editora Lume.



Contra os riscos radioativos por feijão, arroz, rapadura e cultura

Leia

**ABERTURA**  
CULTURAL

UM MENSÁRIO  
DIFERENTE

NÃO-ESTABELECIDO  
DES-ESTABELECIDO

Não solte os tecnocratas no gramado- eles comem tudo.

TEATRO-POESIAS-  
CONTOS...

NAS BANCAS  
DO BRASIL E PORTUGAL

Junte-se ao movimento  
**Resistência Ecológica**

Tome contato: Caixa Postal 12193  
ZC-07 RIO DE JANEIRO - BRASIL

**Feathers**  
VISCONDE DE PIRAJÁ, 580 LOJA 204

O MUNDO DOS  
GORDOS (Fortes)

\*Camisas \*Blusões \*Pijamas \*Cuecas  
\* Bermudas \*Shorts \*Calças  
\*Blazers \*Costumes  
\*Tudo em tamanhos grandes\*

CAMISARIA **NOVO MUNDO**  
AV. PASSOS, 83/89  
ESQ. R. DA ALFÂNDEGA - TEL: 224-7369



**Estofaria Bairro Peixoto**

Reforma e fabrica móveis estofados  
de qualquer estilo

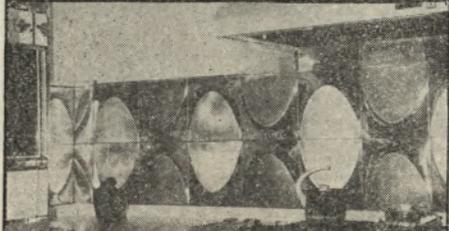
R. Figueiredo Magalhães, 870 - L e M - Tel. 235-1238

**Arnaud** OS MAIS HÁBEIS E  
CONHECEDORES AR-  
TISTAS EM OBJETOS  
DE ARTES

RESTAURADOR de  
**antiquidades**

Atelier: R. Min. Viveiros de Castro, 32 sala 105  
Tel. 266-0875 RIO

**C&B**  
CUCINA & BAGNO



DECORAÇÕES E MONTAGEM  
DE COZINHA E BANHEIRO

Exposição:  
R. da Passagem, 83-B Tel. 266-5263 Botafogo  
Matriz: R. São Manuel, 20 tel. 226-2251+226-2308

O gato chamava-se João como o filho já morto e significava para o casal a mesma coisa que o menino significara em vida: tudo. Fazia muitíssimo tempo, um bolo com vela e cores se acendera para comemorar o seu primeiro aniversário. Então a mulher, que ainda era alegre e sorria, havia lhe enfeitado inteiro de fitas, lambuzando-lhe o focinho com doce. Agora era o seu 13º ano e quase tudo permanecia o mesmo. O bolo sobre a mesa. As velas sobre o bolo. O pessoal em volta. Com a diferença de que faltava o filho e o gato estava velho, o casal triste. Porque, na verdade, ainda que se insistisse silencioso como outrora, era evidente que aquele andar do animal sobre a ponta dos pés se mostrava agora mais pesado, muito menos ágil. E que o brilho das pupilas, antes tão assustadoramente gigantescas na treva, já não era o mesmo. Havia muito pouco do gato moço que continuava permanecendo nele, mas esse pouco bastava por completo ao casal: apesar de tudo, no fundo, muita coisa no gato ainda lembrava de leve o menino morto. Pois não eram idênticas aquelas maneiras furtivas de se encolher todo diante do perigo, não possuíam ambos sempre o silêncio como a maior arma de expressão — tudo fruto, claro, de um convívio e amizade intensos? Se bem que falho e pobre, isso, para o homem e a mulher, era sempre uma lembrança. E os confortava.

Como eles, recém-chegados do interior, houvessem se instalado exatamente naquele dia em seu apartamento da capital, os móveis continuavam ainda amontoados pelos cantos. Por isso, na hora de acenderem as velas do bolo a grande dificuldade foi exatamente a de encontrar o gato — já que todas as buscas, assim a princípio, se mostravam em vão. Até que, de repente, a mulher encarou o marido, parentes, os amigos da capital que rodeavam a mesa e concluiu toda grave:

— A porta está aberta... Ele desceu as escadas, atravessou a rua, morreu sob as rodas de algum carro...

Quase instintivamente projetado na rua, porém, o casal pôde divisar o animal, inconfundível dentro da noite em suas fitas e guisos, revolvendo latas de lixo alinhadas na calçada. Entre alívio e espanto, ao mesmo tempo somado a qualquer coisa de raiva por uma desobediência tal, marido e mulher começaram a chamá-lo pelo nome, bem alto: João, João, João... Houve, então, um número incalculável de luzes se acendendo nos prédios, gente parando nas ruas. Mas o gato, possuído por um daqueles momentos que a mulher jamais conseguira compreender — porque era, assim, feito de frieza e de um alheamento total — pareceu não ouvir. Todo surdo a semelhantes apelos principiou uma escalada à rua em saltos gigantescos — o casal seguindo-o às pressas, a mulher se desfazendo dos sapatos que pesavam — penetrando em ruas desconhecidas, intermináveis até atingir o viaduto antigo — zona essa já totalmente estranha ao casal recém-chegado.

— Ele vai morrer... — disse então a mulher.

— Viu se atravessou a rua ali na direção do hotel?...

— Ele vai morrer... — insistiu ela.

— ... Ou se subiu as escadas, alguma coluna, a fachada do prédio?

— Ele vai morrer, você não está vendo? Ele vai morrer... Morrer!

Ainda que de natureza extremamente agitada, o marido resolveu manter naquele momento o que lhe pareceu fundamental: a calma. Ele havia de ter subido o viaduto, claro. Pois subiu também — a mulher perdendo distância, cada vez mais ofegante. Até que tornou a divisar o animal ali, bem no centro da praça, cercado por um número incrível de cães que o espreitavam. Foi cego, então, o seu gesto instintivo de salvá-lo. Intensificaram-se os latidos,

## O Colono e o Fazendeiro

MARIA CAROLINA DE JESUS

Diz o brasileiro  
Que acabou a escravidão  
Mas o colono sua o ano inteiro  
E nunca tem um tostão

Se o colono está doente  
É preciso trabalhar  
Luta o pobre no Sol quente  
E nada tem para guardar

Cinco da madrugada  
Toça o fiscal a corneta  
Despertando o camarada  
Para colheita

Chega à roça ao Sol nascer  
Cada um na sua linha  
Súando para comer  
Só feijão com farinha

Nunca pode melhorar  
Esta negra situação  
Carne não pode comprar  
Para não dever ao patrão

Fazendeiro ao fim do mês  
Dá um vale de cem mil réis  
Artigo que custa seis  
Vende ao colono por dez

Colono não tem futuro  
E trabalha todo dia  
O pobre não tem seguro  
E nem aposentadoria

Ele perde a mocidade  
A vida intelra no mato  
E não tem sociedade  
Onde está o seu sindicato

Ele passa o ano intelro  
Trabalhando. Que grandeza.  
Enriquece o fazendeiro  
E termina na pobreza

Se o fazendeiro falar  
Não fique na minha fazenda  
Colono tem que mudar  
pois não há quem o defenda

O colono quer estudar  
Admira a sapiência do patrão  
Mas é um escravo, tem que estacionar  
não pode dar margem à vocação

Trabalha o ano intelro  
E no Natal não tem abono  
Percebi que o fazendeiro  
Não dá valor ao colono.

Maria Carolina de Jesus, vivendo na favela, com os olhos abertos para o mundo, descreveu suas vivências em "Quarto de Despejo". Fez com seu livro um grande sucesso, inclusive com traduções para as principais línguas. Depois saindo da favela, em outro livro "Casa de Alvenaria" descreveu o choque com o novo ambiente. Há pouco, Maria Carolina de Jesus morreu pobre, pobre como nasceu... Mas sempre, continuou escrevendo: contos, poesias, peças de teatro — todas inéditas, como a poesia "O Colono e o Fazendeiro"; sempre fiel às suas origens, sempre retratando o mundo de sombra, que fica além dos calçadões, dos viadutos, do aço, mármore e vidro, das luzes festivas dos Senhores da Vida. ADEUS!

## APOCALIPSE

Em grau cada vez maior a violência torna-se tema, essência e História da atualidade. Do ponto de vista global, isto é, da violência em nível da sociedade, podemos distinguir três facetas contraditórias, que mesmo assim formam uma espécie de tripé: A violência institucionalizada que se destina a proteger o que existe e conservar estruturas, privilégios ou mesmo uma determinada dinâmica pré-escolhida — contra esta se ergue a violência extremista que se dirige contra o existente e procura destruí-lo. A terceira faceta do tripé é por absurdo que pareça uma posição não-violenta, a dos liberais que incluem entre suas metas muitas coisas que só podem ser alcançados pela força e pela violência e que ao mesmo tempo rejeitam o emprego da força e da violência, condenando assim a sua posição a colocações meramente retóricas e assim reforçam o contraste entre violência institucional e violência terrorista.

Estamos aí diante de uma polarização típica da mentalidade dominante na época atual. Ruiz Llabrés em artigos publicados em ABERTURA CULTURAL e na imprensa internacional, já demonstrou que ao lado das outras determinantes de caráter político, econômico e social, o simples fator do crescimento da densidade populacional determina também um índice de violência crescente. Mas Ruiz Llabrés também aponta a alternativa viável, o salto qualitativo para uma nova ordem social. É uma alternativa complexa, pois há a necessidade de criar as pré-condições para este salto qualitativo.

### BASTOS MELLO

Num mundo extremamente complexo como o nosso, assistimos o crescimento constante das especializações. Um número cada vez maior de pessoas, sabe cada vez mais, a respeito de uma área cada vez menor. Perde-se assim a visão geral das coisas, o conhecimento das interligações, e o resultado é a simplificação que facilmente descamba em polarizações aparentemente inevitáveis.

O que nos falta principalmente são especialistas de não-especialização, generalistas de visão ampla, capazes de enfrentar a multiplicidade dos processos em andamento e ver além da epiderme as muitas camadas, correntes subterrâneas e a rede de interligações e raízes que constituem a realidade.

Quem procura uma saída do labirinto da insanidade do mundo atual, sem encontrar o Minotauro da Tecnocracia desenfreada, do Desenvolvementismo louco, do Fanatismo cego — e ser atropelado e destruído pela besta, precisa cuidadosamente estabelecer algumas premissas no caminho das alternativas viáveis.

Praticamente todos estão de acordo que a primeira condição para rejeitar a polarização das duas violências — a institucional e a terrorista — é o estabelecimento de um Estado de Direito — com divisão de poderes e com um aparelho de decisões que prevê ventis para a pressão da violência, substitutos para o uso da força.

A dificuldade no caso é que tanto privilegiados como desprivilegiados reconhecem ou concientemente ou instintiva-

mente no Estado, um instrumento de força, a serviço de certos e determinados interesses e torna-se difícil achar um denominador comum.

A longo prazo qualquer mudança fundamental depende da criação de um novo homem, com novas atitudes e novas concepções. Aí temos a posição fundamental de Otto Buchsbaum com relação aos processos educacionais. Otto acha que desde a escola primária e continuando por todo programa educacional deve-se dar um realce máximo ao confronto de idéias e a variedade dos possíveis estilos de pensar. Com a moda dos testes de múltipla escolha, Otto sugere que não se peça aos alunos apontar a resposta certa, mas acrescentar uma ou mais hipóteses viáveis além das citadas. Questionar, discutir os conceitos, alinhar prós e contras, em suma a destruição, o questionamento e a criação de sistema, em vez da sistemática transmissão de informações. Por este caminho se deverá chegar também a uma reformulação do conceito do status. Uma grande parte do esforço econômico gira em torno de objetos ou da posse de bens que conferem Status. É uma luta constante pelo reconhecimento do valor e capacidade, por si próprio e pela sociedade circundante. A substituição de objetos por valores não materiais, seja aventura intelectual, transcendência, valores vivenciais de todo tipo, não é tão difícil como parece, basta a sociedade sancionar estes novos valores.

Estamos no caso diante de um problema de muitos aspectos. Com esta modificação a sociedade se tornaria menos competitiva, poderia-se tratar de breçar a fúria de consumo antes que a escassez

de matérias primas crie novos conflitos e um caos final, e, poderia-se, o que é importantíssimo satisfazer mais facilmente as necessidades básicas de todos, pois sem esta preliminar nunca háverá estabilidade, poderá quando muito haver a enganosa calma que precede as tempestades.

Konrad Lorenz apontou com justiça os fundamentos biológicos da violência. Ele acredita no entanto que um melhor conhecimento entre os homens de povos, profissões e idéias diferentes, junto com a satisfação das tendências agressivas em competições pacíficas no terreno da Arte, do Saber, do Esporte, poderiam permitir a criação de um mundo não-violento, quem sabe num processo para realmente um mundo só.

Mas para todo este conjunto de mudanças, para enfrentar todos desafios que a humanidade tem pela frente, precisa necessariamente de algumas condições prévias. Só assim será possível pensar em criar o futuro.

Aí voltamos ao ponto de partida: Um Estado de Direito — mesmo que não satisfaça as reivindicações de todos, um estado de direito baseado em algo como um pacto social — ou contrato social — onde cada cidadão encontra os instrumentais legais para defender tudo que a lei lhe assegura e permite. E evidentemente a expressa desistência ao uso da violência, venha de onde vier.

Só assim pelo consenso de todos e seguindo os conselhos de especialistas em não-especialização será possível construir o futuro. Sempre há os que gritam: Vamos deixar como está! As consequências estão descritas com riqueza de detalhes no APOCALIPSE.

## Lgrimas e Suor

### CONVERSAS DE JOSÉ — MARIA DE JESUS

Os homens já não cabem em suas invenções. Tantas e tão variadas que se tornaram incontroláveis. Saturaram a capacidade de absorver e sentir para melhor viver. A tal ponto chegaram, que se o tempo não é usado para novas técnicas, o consideram perdido. Assim, mal termina uma experiência e comprovados os resultados, lá estão novamente à busca de novos inventos, como se a humanidade estivesse a exigir sempre mais, embora a maioria dos povos não conheçam e não possam usufruir dos chamados benefícios maiores. E justamente porque eles são para os privilegiados dos "primeiros mundos".

É claro, as codificadas potências, na ansia de provarem que dominam todas as técnicas oferecidas e tidas como últimas, avançam aos novos caminhos de conquista, desperdiçando o excesso — chamado lixo dos ricos. (não sei se já foram pesados os quilos de alimentos que diariamente são jogados no lixo,

como resto ou sobra dos cálculos mal feitos).

Parece que bem pouco importa, os povos cavando a terra com as mãos, suados e mal alimentados, o importante é acumular medalhas.

O importante é passar pelo espaço, embora no fundo seja outra forma de fuga, por não mais suportarem a terra que está doente pelos resíduos dos homens. A terra está pequena para conter os corações já cansados de serem cientistas. Mas, continuam somando, crescendo e vão estourar; isto é seguro e certo porque nada poderá suportar o desespero que está a rondar. Por enquanto, ele permanece fechado nos corpos que não sabem bem o que está acontecendo. De vez em quando sucedem coisas estranhas, sem entenderem porque. E perguntam, por que. São isoladas, e diga-se abafadas pelos ruídos do progresso.

Em nome do progresso as florestas

são destruídas, os rios entulhados, os peixes mortos, os animais para o cativo, porque precisam do espaço. Tudo acontece e se faz em nome do progresso. De uma parte do mundo, que já se tornou verde novamente, vem chegando, derrubando o verde, para plantar o progresso a qualquer custo. Vão transferindo suas fontes poluidoras de país a país, onde haja ainda espaço. Como disse um caboclo ribeirinho — o rio agora é a lágrima que cai dos olhos da gente.

Os homens estão sendo empurrados contra as paredes, pelo menor espaço reservado às calçadas, porque o número de automóveis aumenta. É quase ironia, o homem faz o automóvel e depois cede seu lugar, contentando-se com pedaços de ruas, de cidades, enquanto as máquinas desfilam orgulhosas. O homem faz a máquina e depois se deixa escravizar, mas persiste a idéia de que a tecnologia liberta. E poderia mesmo libertar, se as pessoas não estivessem tão diminuídas no seu interior agredido e desrespeitado.

Mas tanto permitiram ou não permitiram, que não sabem mais o quanto é bom ver um por do sol. Na tentativa, talvez de amenizar os escritórios, agora colocam grandes painéis fotográficos com árvores e ilusão de tardes, manhãs e até passarinhos. Depois, se assustam quando os filmes mostram as pessoas adorando uma bomba, em redoma de cristal, como se fosse um Deus.

Não se é contra a exploração do espaço à procura de outros mundos. O que se defende, é que o mundo onde vivemos fique cada vez menor, e as coisas sejam melhores divididas. Que não se aprofundem as raízes das conquistas apenas pelo prazer de conquistar, quando não para subjugar o físico, a mente fraca e doente pela fome.

O que se defende, é que o progresso não seja à custa do melhor de cada um, ou seja, a capacidade de viver por gostar de viver.

O que se defende, é um homem simples e capaz de dominar suas criações, não esses robôs de carne, sem sentimento para admirar uma flor.

## De Cada Cinco, Um Morrerá - De Fome

### CONVERSAS DE JOSÉ — MARIA DE JESUS

"De cada cinco habitantes do terceiro mundo, um morrerá de fome, sem dúvida, antes do ano 2000. Os condenados não aceitarão morrer tranquilamente. Rebelados usarão armas atômicas". Assim falou Alfred Kastler, Prêmio Nobel de Física — reunião da UNESCO — para tratar da cooperação cultural e nova ordem econômica internacional. Foi além, sugerindo que os gastos com armamentos no planeta, sejam diminuídos em dez por cento. Esses dez por cento, sem afetar a segurança dos continentes, proporcionariam ao terceiro mundo uma situação de dignidade.

Além de Kastler, Willy Brandt e Sean Mac Brid — Nobel da Paz, mais o Acadêmico francês Jean D'Ormesson, Oswald Guaysamin, pintor equatoriano e mais o cenógrafo Peter Book e o ator Peter Ustinov, todos participaram da reunião. As recomendações, as conclusões, não mereceram espaços especiais. Inserida como notícia de página interior, sem maiores considerações, lá ficou registrada. Não era fato para manchete de primeira página, porque poderia alarmar a população. Mais um alerta à

corrida armamentista, não conviria, porque os complexos precisam continuar produzindo armas para justificar a produção de aço, em mãos que se juntam piedosas nas catedrais para o Te Deum.

De cada cinco, um morrerá de fome. Fome, enquanto os estômagos dos continentes cada vez mais se estufam de canções. E, dizer que dez por cento dariam ao terceiro mundo uma situação de dignidade.

Reagirão com armas atômicas. Sim, todos de uma forma ou de outra, receberão ajuda para sua bomba, suas centrais fantásticas e sorrirão após a assinatura dos tratados, à luz de velas, em jantares elegantes. E o povo, como na Índia, em farrapos, dirá em coro — nós temos uma bomba.

Não é possível que os ricos fiquem mais ricos, e os pobres apenas lhes sirvam de escada para essa ascensão. Não é que os ricos sejam obrigados a dividir com os pobres, apenas se deve lembrar a origem da riqueza.

Crianças não podem continuar nascendo para morrerem nas primeiras horas de vida, porque a mãe é subnutrida. —

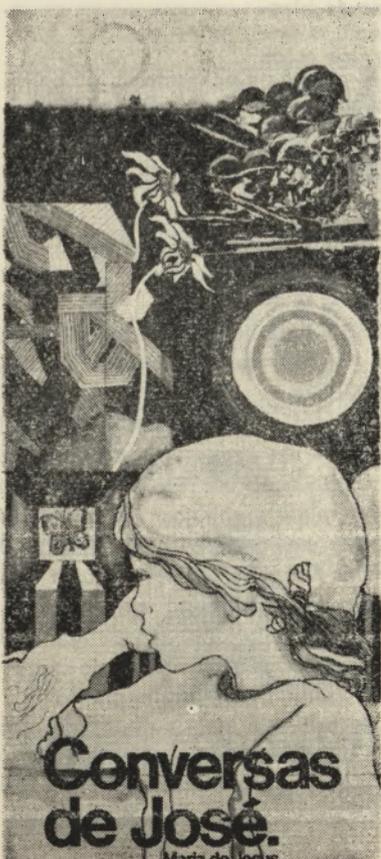
Mas a questão da limitação dos filhos não deve ser um problema do estado, mas um direito dos casais. Casais que não sabem ler, que não têm esgotos, casais em submoradias.

Um em cada cinco morrerá de fome, enquanto os grandes discutem se o padrão deve continuar sendo o ouro. Enquanto se discute a questão da liderança nos continentes. Uns, delegando ao estado todas as tarefas, outros ao povo que constrói e se orgulha dos edifícios mais altos do mundo. Poderão esses edifícios alojarem os homens mais cansados e desiludidos do mundo, não importa, são os mais altos do mundo.

De cada cinco, um morrerá de fome no ano 2000. Nações terão no mesmo ano 2000 suas torres mais brilhantes e vermelhas. Nações terão os mais altos edifícios. Outras, a maior infantaria. E ainda outra, verá seu milagre reduzido à venda de ar puro nas lojas.

Como será que irão dividir no ano 2000 a responsabilidade das mortes no terceiro mundo.

De cada cinco, um morrerá — de fome.





# Rock-o-Cock

Rock-o-Cock, o Rock-Galo rococó, muito adoidado, disposto a acolher colaborações de todos os tipos, poesia, prosa, desenho, comentário, aforismo, ou o que mais der na telha. Daví Alonso e Beti-da-Costa coordenam.

**A GUITARRA DE PRATA**  
INSTRUMENTOS DE MÚSICA LTDA

Instrumentos de música e seus pertences, violões etc

RUA DA CARIOCA, 37 Tel. 222-5721

**★ BLUE MAN ★**  
confeccões

Todas as creações exclusivas em biquínis, maiôs e roupas esportivas no gênero pop

★ SANTA CLARA, 33/217

**Feathers**  
VISCONDE DE PIRAJÁ, 580 LOJA 204

**KOISABESSA** Confeccões  
moda jovem

Biquínis em Silk-Screen - Colants e Blusas em Agilon

R. Francisco Sá, 88 s/509/20 Tel. 287-9049 Copacabana — Rio

**DISKARTE**  
Discos e Fitás.

Agora também com vestíbulos e biquínis indianos nas boas vibrações da música.

General Venancio Flores, 255-A  
Tel. 294-2201 — Leblon

**dbc** EXCLUSIVA EM CALÇAS MULTISEX

as calças coloridas

R. SANTA CLARA, 33 / 1.114 TEL 235-1879 255-0339

**RIO-COR**  
noite e dia

Cardiologia - Pronto Socorro "CHECK-UP"  
tel. 227-0020

Equipes especializadas e o mais moderno equipamento

Eletrocardiograma — Raios X  
Laboratório CTI  
Ginecoronariografia - Cirurgia Cardíaca

Resp. DR. MÁRIO ANACHE (CRM 5278)  
DR. RAIMUNDO DIAS CARNEIRO (CRM 4585)  
R. FARME DE AMOEDO, 86

## O NOME

AIDENOR AIRES

O meu nome é João. Assim me batizou a minha mãe, a mim, e ao meu irmão.

João, José ou João, nunca outro nome não. Me lembra só a terra e quem primeiro lavrou a veia dura do chão. O nome era Joaquim, Manuel filho de Maria e João.

Assim não disse o batismo, a água, o sal, a unção, disse-o a terra, disse-o o sangue da nossa confirmação. Disse o mourão e o meu umbigo me escutando do chão. Por mais que nomes eu veja, o que eu sei é sempre João.

O nome que em nossa vela pulsa sangue sem idade, pulsa pátria, pulsa fé, pulsa o sinal e a verdade.

Assim me chamou a mãe no dia da minha noite. A vogal aérea ecoa entre abismos consonantes de Joaquim chamando Antônio, de João gritando Maria. Esse é o nome do meu povo, que assim se pronuncia: dentro do dia, o irmão — "João"! dentro da noite — "Maria"!

## VOZES DE UMA TRISTE AMÉRICA

PAULO RICARDO FABRIS

Vou levando a vida como posso nesta sempre vil incerteza refletindo sobre todas essas coisas essas coisas todas ditas. Vou levando a vida como posso num fio de lânguida consciência extenuado, oprimido nesta lírica latino-américa, que poderia ter tudo aquilo que você queria ter. Jogado com um jarro na jaula já fui fluência jovial, Hoje sou juventude subjugada Vou levando a vida como posso numa dança cantada ao "lábaro que ostentas estrelado". Vou levando a vida como posso doce-nascente sonho que trago ainda na memória de uma América livre e bela. Vou... posso neste nana-neném-dorme que lá fora a noite é fria e o vento só traz agonia.

## Sobre Gravidez

NILSON MONTEIRO

Barriga tua esticada sem estética pele de um tambor vibrante de veias, dias, sonhos, guardando pulsando a vida.

A gargalhada, presa no teu ventre, moleca,

o berro, sufocado entre tripas, as lágrimas nas paredes do útero inchado, a vida, amamentada em tua barriga, os sonhos de justiça, certeza de braços novos, e boca, e olhos, e pernas, e cérebro, e peito e barriga nova.

Qualquer hora o mundo grávido arrebenta em hemorragias e parto filetes de sangue e esperanças e escapa e ganha vida própria e berra.

Será cidadão do seu espaço!

O NOME de Aidenor Aires, SOBRE GRAVIDEZ de Nilson Monteiro, OFERTA de Aristides Klafke, OUTUBRÁLIA de Arnaldo Xavier, GADO de Paulo Nassar, fazem parte da Coletânea de POEMAS — VENTONOVVO, uma ventania que reúne oito poetas, além dos citados ainda Júlio Cesar Martins, cujo AS ALGEMAS DA TERRA publicaremos num dos próximos números, Mario de Oliveira, cujo ritmo poético já fez vibrar tantas vezes nossas páginas — e Salvador Ribeiro, que pela discriminação do Alfabeto vem

## Oferta

ARISTIDES KLAFKE

Ofereço-te a taça de ouro mágica dos incas

Ofereço-te o falo sagrado dos mortos de setembro

Ofereço-te o cheiro do suor encardido da cidade de Oruro

Opereço-te os dedos decepados de todas mãos decididas

Ofereço-te também, apesar de tudo a palavra incendiada de meus poemas.

no fim, poeta telúrico, que se assume como "operário da palavra". VENTONOVVO reúne os oito vencedores de um concurso de poesias que a Editora Cooperativa de Escritores realizou: R. Domingos Nascimento, 736 — Bom Retiro — Curitiba — PR. — POEMA DA GERAÇÃO de Domingo Gonzalez é da obra 4 POETAS MODERNOS que reúne ainda Fernando Py, Francisco Igreja e Myres Lago. Editora Catedra — Rua Senador Dantas, 20 Sala 806/7 — RIO.

## NAZARÉ NINGUÉM

NAZARÉ DE ALMEIDA

Descobri meu nome: Nazaré Ninguém

É ninguém porque eu não sou ninguém

nem sou de ninguém

Ninguém me conhece nem valho para ninguém

Não existem palavras para explicar o nome Nazaré Ninguém

Boa noite. Muito prazer. Simplesmente sou Nazaré Ninguém.

## Colheita

MARÍLIA ZENKNER

Os campos de trigo que insinuem o verde na retina, o maduro dos grãos que pesam e dobram as hastes. Quando chegar o tempo da colheita quero estar a postos, não em aba sobre os olhos, olhando as coxilhas serem aplainadas. Já é tempo de arejar os sentimentos ao sol, limpá-los da fuligem acumulada por todos estes anos iguais.

Vozes de uma triste América de PAULO RICARDO FABRIS, Nazaré Ninguém de NAZARÉ DE ALMEIDA e COLHEITA de MARÍLIA ZENKNER, fazem parte de TEIA 2 — CONTOS E POESIAS — um lançamento da Editora Lume, uma continuação de TEIA 1 de que reproduzimos no número anterior A SENHORA E SUA AGONIA um inspirado mini-conto de Mariza Helena Scopel. Nas telas bem tecidas destas coletâneas captam-se contribuições de autores novos, numa diversidade rica e criativa, que apesar dos pesares eclode por todos cantos do nosso país — prenunciando — colheita — aurora — a alegria de um novo amanhecer. — Fazemos votos que teremos logo uma TEIA 3 — Para contatos: Editora Lume, Rua Carlos Gomes, 20 Porto Alegre — RS.



# Por uma Nova Ordem Econômica Mundial

## "Para Construir Não Será Preciso Destruir?"

SAMIR AMIN

Quando examinamos as etapas da luta por uma nova ordem econômica, ao mesmo tempo nacional e mundial, percebemos que esta luta não é totalmente nova e que está sendo empreendida pelos países do Terceiro Mundo há pelo menos vinte anos. É preciso reconhecer, no entanto, que somente nos últimos anos este tema de uma nova ordem econômica mundial assumiu a importância que tem hoje e, de certa forma, tornou-se moda.

Os países do Terceiro Mundo, especialmente os da África, lutaram primeiro por sua independência política. Após a Segunda Guerra Mundial, a eliminação das velhas formas de dependência colonial exigiu uma longa série de conflitos políticos, frequentemente armados. Por conseguinte, durante vinte anos os países da Ásia e da África se dedicaram principalmente à luta pela independência política e às ações de solidariedade para com os países que ainda não a haviam obtido.

O movimento dos não-alinhados, criado após a histórica Conferência de Bandung, em meados da década de 50, durante mais de dez anos preocupou-se exclusivamente com os grandes problemas da independência política dos países do Terceiro Mundo, com os problemas do sudeste asiático, com a Guerra do Vietnã, a Palestina, o apartheid, a guerra colonial portuguesa e com Cuba, que certas potências queriam isolar. Estes eram quase que os únicos interesses dos Estados que compunham o Terceiro Mundo.

No plano econômico, os movimentos nacionais de libertação, e por conseguinte os governos deles advindos, não desenvolveram idéias inovadoras. Achavam que, com alguns pequenos ajustes, as estratégias desenvolvimentistas empregadas na época colonial poderiam ser mais ou menos seguidas, e que a integração dos novos Estados na divisão internacional do trabalho e na economia mundial oferecia tantas vantagens que não havia necessidade de questioná-las.

Pensavam que a Independência nacional permitiria, e seria como consequência quase automática, a independência político-econômica, que era a condição de uma verdadeira interdependência, mesmo entre facções diferentes. Na Europa existem países desiguais não apenas em extensão territorial como também em graus de desenvolvimento, mais isto não impede que sejam considerados Interdependentes.

O mesmo não se pode dizer do mundo em geral. Difícilmente podemos falar de Interdependência quando as relações são tão assimétricas. Sendo assim, é preferível falar de dependência.

Somente numa segunda etapa os países do Terceiro Mundo começaram pouco a pouco a compreender que a Independência política só teria real valor se resultasse em Independência econômica, e que esta última teria de ser conquistada do mesmo modo que a primeira.

Ela não viria por si só e não adviria de uma estratégia de desenvolvimento baseada exclusivamente, ou quase exclusivamente, na divisão internacional do trabalho ou no crescimento e desenvolvimento internos, que são subprodutos do desenvolvimento do sistema mundial e, portanto, avançados, com apenas alguns ajustes aqui e ali.

Ora, se não me engano, foi a partir da Conferência de Cúpula dos Países Não-Alinhados, realizada em Lusaka, em 1970, ou certamente a partir da Conferência de Argel, em 1973, que a idéia de que a independência econômica tinha de ser conquistada, e que isso implicaria numa luta semelhante à desfechada para a independência política, passou a ser sustentada pelos países não-alinhados e, por conseguinte, pelos 77 países em desenvolvimento.

A nova ordem econômica mundial que o Terceiro Mundo passava a reivindicar consistia basicamente de duas idéias.

Uma era que os produtores de matérias-primas deviam se organizar. Era preciso criar associações de produtores, levando em consideração a diversidade de suas situações e a posição de cada matéria-prima no mercado mundial.

Essas associações poderiam ser menos ou mais fortes e imporiam a revisão dos termos de Intercâmbio, bem como um aumento real e substancial dos preços das matérias-primas. Isto permitiria a criação de condições para uma política de estabilização, que não consistisse em estabi-

lizar a pobreza e a exploração, e para um diálogo verdadeiro, não uma farsa, entre países que, apesar dos interesses divergentes, sabem que podem chegar a um entendimento autêntico, em vez de tentarem impor um ponto de vista unilateral.

A segunda idéia proposta na época pelos países do Terceiro Mundo era que, para empreender essa luta e obter resultados, seria necessária a solidariedade entre eles mesmos. Dessa constatação nasceu a idéia de criar um fundo de solidariedade que permitisse às associações de produtores travar a batalha e reduzir a pressão exercida pelos países desenvolvidos sobre os países em desenvolvimento que já haviam dado mais alguns passos nessa direção.

Hoje todos sabem que uma dessas associações — a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) — já existia desde o início da década de 60: mas somente em 1970, e principalmente em 1973, teve condições de aproveitar uma conjuntura político-econômica favorável para impor um aumento no preço de energia. Até então os países desenvolvidos do Ocidente não haviam entendido que os objetivos da luta pela independência econômica eram mais que simples declarações platônicas, conferências, cartas indefinidas e afirmativas de boas intenções.

Apesar disso, o sistema econômico mundial e os países industrializados tomaram todas as medidas necessárias para afastar os perigos de uma verdadeira luta pela independência econômica. A idéia de uma organização dos países do Terceiro Mundo e da criação de fundos de solidariedade para apoio a essa luta foi sendo pouco a pouco substituída por idéias bonitas mas totalmente inócuas, que não modificam em nada a ordem econômica, mas ao contrário fortalecem o status quo e, moralmente, colocam as vítimas desse status quo na estranha posição de agressores, se lhes ocorre questionar unilateralmente alguns de seus elementos.

A idéia de um aumento unilateral dos preços e de negociações que seriam emorendidas pelas associações de produtores, a partir de uma posição mais firme, foi então progressivamente substituída pela de um diálogo permanente entre produtores e consumidores, de um fundo de estabilização, etc. Mas nenhuma das propostas do Terceiro Mundo foi incluída no já tão diluído projeto de solução da Conferência dos Não-Alinhados, realizada em Dacar, em fevereiro de 1975, ou na Conferência de Manila, realizada pouco antes da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento, em Nairóbi.

Ora, isso é muito estranho, pois, por outro lado, nos próprios países desenvolvidos fala-se cada vez mais nos prejuízos e nos perigos do enorme desperdício de matérias-primas que corre em escala mundial, na crescente tomada de consi-

ciência do preço do crescimento econômico tal como foi concebido até agora, e no ónus que representa não só para os povos dos países desenvolvidos (em termos de qualidade de vida, degeneração do meio natural, poluição, etc...), mas também para as vítimas desse mesmo crescimento, os povos dos países subdesenvolvidos.

Há três séculos esses povos estão sujeitos à alta de preços que lhes é imposta e à obrigação de fornecer gratuitamente, ou quase, as riquezas do planeta, sem que ninguém se preocupe com seu futuro nem, é claro, com o futuro da humanidade em geral.

Deve-se então concluir que toda essa conversa sobre os temores inspirados pelo desperdício dos recursos naturais é pura demagogia e que instituições, governos e autoridades dos países desenvolvidos são incapazes de fazer a menor concessão quando os países do Terceiro Mundo lhes pedem para aceitar as mudanças que, por lógica, levariam a uma melhor utilização dos recursos do planeta?

Penso que fatos como a elevação do preço do petróleo deveriam merecer, o aplauso de todos os países desenvolvidos, se eles fossem coerentes e desejassem realmente conservar os recursos do planeta, e que esta elevação deveria ser aprovada e apoiada por eles. Até agora há poucos indícios disso, e todas as oportunidades foram e continuam sendo aproveitadas para tentar destruir a associação dos produtores de petróleo, o que mostra que se trata realmente de uma batalha.

Mas quando se começou a perceber que a batalha não estava dando praticamente nenhum resultado, salvo para um grupo de países em desenvolvimento que conseguira impor seus pontos de vista, e que a luta pela modificação da ordem econômica mundial estava mostrando todas as fraquezas do sistema e a impossibilidade de se conseguir até mesmo uma pequena mudança nos termos do sistema internacional por meio de diálogo e negociações, outra idéia tomou corpo. A de que o Terceiro Mundo deveria recorrer cada vez mais a seus próprios recursos e, por conseguinte, pensar numa forma de desenvolvimento que consistisse num afastamento mais ou menos acentuado do sistema internacional de divisão de trabalho, no caso desse sistema continuar desigual e a serviço da polarização mundial e da exploração.

Pode-se muito bem perguntar se a integração no sistema econômico mundial é realmente necessária, pelo menos no que diz respeito aos países do Terceiro Mundo já que se baseia numa divisão de trabalho que é responsável pela distribuição desigual da renda e, portanto, pelo aumento das distorções (no que se refere ao modelo de consumo) que impedem o verdadeiro desenvolvimento; e também se essa integração deveria continuar

sendo considerada como uma condição para o desenvolvimento.

Começa-se então a pensar se, para reconstruir o sistema mundial (o que, a meu ver, terá de ser feito algum dia), não será preciso destruí-lo, ou seja, sair dele, e se não será justamente esta saída do sistema de divisões internacionais do trabalho que nos permitirá criar as condições ideais para a possível reconstrução de um sistema melhor, que expresse as potencialidades efetivas dos povos. O fato é que os recursos do planeta não estão distribuídos de forma homogênea e, portanto, seria ininteressante elaborar um novo sistema mundial.

Mas esta saída do sistema mundial é apenas o último recurso e uma triste obrigação. É ela motivada por um tipo qualquer de nacionalismo cultural? E pode ser justificada em função de modelos específicos de desenvolvimento, da preservação e do desenvolvimento de uma cultura nacional de característica próprias?

As circunstâncias são tais que, quando se adota uma estratégia de desenvolvimento econômico, esta geralmente vem acompanhada, por argumentações ideológicas e políticas compatíveis com ela. Por isso, pessoalmente não me surpreende ver esta estratégia de saída do sistema mundial unida a um certo grau de nacionalismo.

Há vários modelos de desenvolvimento e todos têm caráter universal. O modelo capitalista em que vive a maioria dos países e que se constituiu e se impôs por todo o mundo através de um processo histórico bastante longo (iniciou-se há três séculos em muitos países e se estendeu consideravelmente durante os séculos XIX e XX); o modelo originado da experiência da Europa oriental, especialmente da União Soviética; ou ainda o inspirado na experiência atual da Ásia oriental, da China, do Vietnã ou do Camboja — todos têm caráter universal.

O capitalismo criou um sistema mundial; restou-nos então pensar em estendê-lo, em organizar o desenvolvimento segundo a linha e a lógica desse sistema, ou sair dele. A história não pode ser apagada.

Hoje não se pode, pois ignorar que todo modelo de organização de uma sociedade, seja qual for seu nível de desenvolvimento, pressupõe a longo ou curto prazo, objetivos de desenvolvimento tecnológico, de produção, de consumo, de fornecimento de bens materiais para toda a humanidade e de preparação de uma organização social, que têm necessariamente caráter universal.

As ideologias inerentes a esses modelos são universalistas. Convergem sem dúvida em alguns pontos, mesmo porque existe essa história e existem forças produtivas em um determinado nível de desenvolvimento. Mas têm também vários pontos de divergência, e bem mais acentuados. A ciência



O deserto de Sahara avança para o Sul, no que chamam Sahel, ameaçando engolir alguns países africanos e provocando extensa migração. Acima, perto de Niamey, no Níger, improvisou-se uma escola, para os filhos dos retirantes.

cia é universal, mas a tecnologia, que não é outra coisa senão a aplicação da ciência num contexto social, é provavelmente menos universal do que parece.

O Terceiro Mundo — ou seja, todos os países da Ásia, África e América Latina, com exceção dos países comunistas — não produziu nenhum modelo especial, e não creio que seja capaz de produzir um, porque, mesmo que conteste, através da ordem econômica mundial, as leis que governam o desenvolvimento do sistema capitalista mundial, ainda está economicamente sujeito a elas. Penso, portanto, ser inútil indagar se devemos ou não deixar que os países criem livremente modelos adequados a sua situação, já que, a meu ver, agirão do modo que mais lhes convier.

O que devemos perguntar é se, entre os modelos de caráter universal sugeridos, alguns respeitam mais a diversidade no desenvolvimento global. Vejo muitas vantagens na diversidade, e essas vantagens são culturais e econômicas.

Existem, então, modelos e ideologias que, embora tenham de ser mostrados como são — isto é, com seu caráter universalista — contribuem mais que outros para manter a diversidade, em vez de considerá-la um obstáculo para o desenvolvimento? Em caso afirmativo, como aplicá-los?

O sistema capitalista foi até agora extremamente destrutivo e não considero a diversidade uma vantagem. Mas foi também inovador. Criou muitas coisas e também um nível de desenvolvimento das forças produtoras sem o qual nada mais seria concebível. Não foi isso uma etapa histórica? Não terá o sistema capitalista apenas criado as condições para fazer algo melhor? E, consequentemente, a destruição de culturas que ele provocou não estará de acordo com suas leis básicas?

Creio que não devemos condenar a máquina, mas as relações sociais que, através de certas formas de organização social, de divisão do trabalho, etc., impõem certos hábitos e certa submissão à máquina. Não devemos questionar a tecnologia, mas sim as relações sociais que condicionam a sua aplicação.

Não posso deixar de pensar que qualquer discussão sobre diversidade cultural é sempre muito ambígua. Pergunto-me se essas discussões representam um protesto positivo contra a máquina destruidora de culturas que o sistema capitalista foi e ainda é: e também se são realmente eficazes.

A única maneira adequada de combater o sistema capitalista é opor-lhe um modelo que, embora de caráter universal, respeite de fato a diversidade e faça dela um fator positivo de enriquecimento das nações. Só assim conseguiremos as condições necessárias à cooperação cultural e intelectual, que por si só já é positiva.



Fugindo da pobreza das roças, esta família da Índia procura "melhor sorte" na cidade. Já sabem que a vida será dura, mas todos juntos trabalhando, ainda tem esperança.

## Hora da Decisão

No artigo POR UMA NOVA ORDEM ECONÔMICA MUNDIAL — "PARA RECONSTRUIR NÃO SERÁ PRECISO DESTRUIR?", Samir Amin lança uma série de perguntas de importância. "Não será preciso sair do sistema mundial de divisões de trabalho, exatamente para criar as condições de reconstruí-lo?" pergunta Samir Amin. "Esta saída do sistema mundial é apenas o último recurso e uma triste obrigação". Eis uma das respostas que o autor oferece, nesta sua tão lúcida contribuição. Mas, pela complexidade do tema, e também por ocupar posição oficial, Samir Amin não pode tirar todas as ilações, não pode publicar todas conclusões, as quais ele e muitos outros naturalmente já chegaram.

A atual ordem econômica, o vigente sistema de divisão de trabalho internacional, não oferece perspectivas para o terceiro mundo, e nem para a humanidade. Não há também maneira dos subdesenvolvidos alcançar os desenvolvidos. Não há nenhuma possibilidade de criar uma sociedade de consumo e desperdício para todos, os recursos não renováveis simplesmente são insuficientes. Todas tentativas de um país do terceiro mundo imitar os processos do mundo desenvolvido só aumenta a dependência externa e através dos termos de comércio eternamente impostos pelos parceiros mais fortes, aumenta infelizmente o déficit. O jogo dos cartões e das multinacionais potencia as desigualdades. A grande jogada que está em curso é prolongar pelo maior espaço de tempo possível a exploração das matérias primas do terceiro mundo, sempre pelos menores preços possíveis. Ao mesmo tempo aproveita-se o aviltamento do preço da mão de obra em todo o terceiro mundo, para realizar lucros, conservar o próprio standard de vida e ao mesmo tempo dando aos países do terceiro mundo a confortante visão de que estão avançando economicamente com suas exportações. Com os problemas de poluição aumentando cada vez mais nas principais sociedades de consumo e mesmo chegando a extremos como no Japão atual, com maior poluição per capita, cogita-se também transferir em escala crescente todas industriais altamente poluidoras como a siderurgia e certas indústrias químicas para países do terceiro mundo. Realiza-se assim dois objetivos ao mesmo tempo: Exporta-se poluição e aproveita-se a mão de obra barata. O Japão inclusive já admitiu publicamente este objetivo — conservar só as indústrias mais sofisticadas, de alta tecnologia e transferir as outras principalmente as mais poluidoras para fora do Japão.

Se os detentores de matérias primas com superavit exportável tomarem medidas de proteger estas reservas, lembrando no meio da atual festa de desperdício, que a escassez está chegando, prestarão um enorme serviço à humanidade, pois influirão na introdução de novos padrões de economia e ao mesmo tempo valorizarão as suas próprias reservas.

Nenhuma matéria prima chave como ferro, estanho, manganês, chumbo, platina, níquel etc. etc. permitirá uma queda de oferta de apenas 20% pelo prazo de um ano, sem grandes reflexos na economia mundial.

Se Brasil e Venezuela cessassem a exportação de minério de ferro, ou muitos altos-fornos e indústrias siderúrgicas iriam reduzir drasticamente sua produção, ou o preço do ferro iria aumentar cinco ou seis vezes pelo aproveitamento rápido, para fechar a brecha, de minérios marginais. Se Bolívia, Malásia, Indonésia e Tailândia em conjunto sáissem do mercado, deixando de exportar estanho, o mundo industrial precisaria procurar um substituto e o preço do estanho iria regular-se pelo do substituto. E assim por diante. Pode-se dizer que todos estes países dependem da exportação destes seus produtos. Dependem? Da mesma maneira os países da OPEP dependiam da exportação de petróleo. Energia é mais importante? Depende também, pois faltando matéria prima para a indústria transformar, a energia adquire até menos importância. Pode-se alegar que é difícil países tão diferentes como Bolívia, Malásia, Indonésia e Tailândia se reunirem em torno de um só objetivo. Mas onde se encontra maiores diferenças como entre os países da OPEP? Que país não deseja receber 5 ou 6 vezes mais por seus produtos de exportação? Ou receber uma renda 3 vezes maior pela metade da exportação anterior? Naturalmente alguém irá argumentar que isso iria arruinar a economia mundial. Mas não, pelo contrário, iria salvá-la. Seria o fim da produção de produtos que se tornam obsoletos por terem o seu fim planejado, embutido. Toda sucata seria reaproveitada. Certamente não haveria mais cerveja e refrigerantes em lata, nem embalagens que custam mais que o produto. Haveria uma Nova Ordem Econômica Mundial, que permitiria melhorar a qualidade de vida em todos países industrializados e o minério boliviano.

Podemos então dizer que o terceiro mundo está diante de uma situação imutável, diante do poder econômico das nações industrializadas.

Exatamente vamos captar o sentido real da frase de Samir Amin: "Sair do sistema de divisão internacional do trabalho". Sair como?

Os países do terceiro mundo tem, além dos recursos petrolíferos reservados a poucos, o do-

## POR UMA NOVA ORDEM ECONÔMICA MUNDIAL

OTTO BUCHSBAUM

minio de uma parcela considerável do mercado mundial de muitas matérias primas vitais.

Vamos examinar apenas alguns casos: **Minério de Ferro:** Brasil e Venezuela juntos dominam quase 30% do comércio de exportação. Juntamente com Libéria, Mauritània, Índia, Chile e Peru chega a quase 50%. Sem dúvida a União Soviética e Estados Unidos são os maiores produtores, mas não tem excedentes exportáveis.

**Manganês:** Brasil e Gabão participam da produção com cerca de 25%. Da exportação com 40%. Juntado ainda a Índia, Ghana, Zaire e México a participação na produção mundial é de cerca de 38% e no mercado de exportação o domínio conjunto chega a 60%.

**Antimônio:** Só a Bolívia tem 18% da produção mundial, e participa com 25% do mercado de exportação. Acrescentando Tailândia, Turquia e Marrocos, a fatia do mercado mundial se aproxima de 40%.

**Chumbo:** Peru, México e Marrocos juntos detêm 25% do mercado internacional. O consumo tem sido nos últimos anos superior à produção, afetando os estoques.

**Estanho:** Bolívia, Malásia, Indonésia e Tailândia juntos dominam 60% do mercado de exportação.

São apenas cinco matérias primas como exemplo. A lista poderia ser muito grande. As sociedades de consumo mostram uma enorme fragilidade com relação à falta de quaisquer matérias primas, para a grande complexidade da sua produção. A falta de qualquer material representa um ponto de estrangulamento para o conjunto da economia, devido à multiplicidade das interligações.

Os cinco minérios citados, como também praticamente todos os outros, já podem ser considerados escassos, com relação ao consumo atual e suas tendências de crescimento. Sem sonhar sequer com a possibilidade de proporcionar às massas dos países do terceiro mundo uma participação modesta na sociedade de consumo, as matérias primas não renováveis já irão em parte faltar para nossos filhos e nenhuma será disponível para nossos bisnetos.

Diante desta realidade se esfalece também todo problema energético. Quais matérias primas irá a indústria do futuro transformar em utilidades (ou inutilidades) usando energia, se o conjunto das matérias primas se aproxima do fim?

Neste ponto chegamos novamente a uma questão: Como sair do sistema de divisões internacionais de trabalho?

Se os detentores de matérias primas com superavit exportável tomarem medidas de proteger estas reservas, lembrando no meio da atual festa de desperdício, que a escassez está chegando, prestarão um enorme serviço à humanidade, pois influirão na introdução de novos padrões de economia e ao mesmo tempo valorizarão as suas próprias reservas.

Nenhuma matéria prima chave como ferro, estanho, manganês, chumbo, platina, níquel etc. etc. permitirá uma queda de oferta de apenas 20% pelo prazo de um ano, sem grandes reflexos na economia mundial.

Se Brasil e Venezuela cessassem a exportação de minério de ferro, ou muitos altos-fornos e indústrias siderúrgicas iriam reduzir drasticamente sua produção, ou o preço do ferro iria aumentar cinco ou seis vezes pelo aproveitamento rápido, para fechar a brecha, de minérios marginais. Se Bolívia, Malásia, Indonésia e Tailândia em conjunto sáissem do mercado, deixando de exportar estanho, o mundo industrial precisaria procurar um substituto e o preço do estanho iria regular-se pelo do substituto. E assim por diante. Pode-se dizer que todos estes países dependem da exportação destes seus produtos. Dependem? Da mesma maneira os países da OPEP dependiam da exportação de petróleo. Energia é mais importante? Depende também, pois faltando matéria prima para a indústria transformar, a energia adquire até menos importância. Pode-se alegar que é difícil países tão diferentes como Bolívia, Malásia, Indonésia e Tailândia se reunirem em torno de um só objetivo. Mas onde se encontra maiores diferenças como entre os países da OPEP? Que país não deseja receber 5 ou 6 vezes mais por seus produtos de exportação? Ou receber uma renda 3 vezes maior pela metade da exportação anterior? Naturalmente alguém irá argumentar que isso iria arruinar a economia mundial. Mas não, pelo contrário, iria salvá-la. Seria o fim da produção de produtos que se tornam obsoletos por terem o seu fim planejado, embutido. Toda sucata seria reaproveitada. Certamente não haveria mais cerveja e refrigerantes em lata, nem embalagens que custam mais que o produto. Haveria uma Nova Ordem Econômica Mundial, que permitiria melhorar a qualidade de vida em todos países industrializados e o minério boliviano.

Podemos então dizer que o terceiro mundo está diante de uma situação imutável, diante do poder econômico das nações industrializadas.

Exatamente vamos captar o sentido real da frase de Samir Amin: "Sair do sistema de divisão internacional do trabalho". Sair como?

Os países do terceiro mundo tem, além dos recursos petrolíferos reservados a poucos, o do-



Nas estradas do NORDESTE: A caminhada dos retirantes. Destino: Nova Vida na cidade.



Recife: Um bairro pobre, sem condições sanitárias. Mas há outros bem mais precários. Ai o retirante chega e labuta — frugal e tenaz — tentando sobreviver.

Oswaldo Guayasamín: «Mulher chorando» O pintor equatoriano Oswaldo Guayasamín ofereceu esta obra a UNESCO, que foi exposta durante a Semana Cultural da UNESCO, em Setembro de 1976 em Veneza. Quem apagará estas lágrimas? Por que chora a América Latina?

Podemos então dizer que o terceiro mundo está diante de uma situação imutável, diante do poder econômico das nações industrializadas.

Exatamente vamos captar o sentido real da frase de Samir Amin: "Sair do sistema de divisão internacional do trabalho". Sair como?

Os países do terceiro mundo tem, além dos recursos petrolíferos reservados a poucos, o do-

# Copacabana

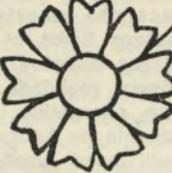
## Centro de Compras

**DE FELIPPE**  
 \*\*\*\*\* ALFAIATERIA  
 Ternos, Camisas e Calças sob medida  
 REFORMAS EM GERAL  
 R. Siqueira Campos, 143 s/loja 105 Tel. 235-6482  
 R. Barata Ribeiro, 302 Loja 14  
 \* ROMULO - ALFAIATE \*  
 Av. Gomes Freire, 196/603 Tel. 232-9966

\* **BIKINI DINAL**  
 ATACADO  
 R. Figueiredo Magalhães 286 s/807  
 \* Tel. 255-3419

Elton Bijouterias  
  
 Creações exclusivas  
 Somente atacado  
 s/405 e 406  
 Av. Copacabana, 680 Tel. 235-2561

  
**PLUFT**  
 modas infantis  
 AV. COPACABANA, 581-C  
 TEL.: 235-5325

CONFEÇÃO PRÓPRIA  
 GESTANTES E BEBÊS  
  
**Yamy & Baby**  
 MODAS  
 Crediário próprio  
 RUA MIGUEL LEMOS, 17-B  
 Telefone 255-1221

**BIQUINI Catherine**  
 ATACADO  
 R. Siqueira Campos, 43 S/435 Tel. 255-9099  
 Centro Comercial de Copacabana - Rio

**CORREIA** ALFAIATE  
 Roupas masculinas e femininas sob medida  
 R. Figueiredo Magalhães, 561-A Tel. 256-5238

\* **SERCESA**  
 Confeções femininas  
 MODA JOVEM PRONTA ENTREGA  
 \*\*\* RUA SANTA CLARA, 33/419

  
 CASA BEHAR Passagens  
 Turismo e Câmbio  
 Av. Rio Branco, 43-A • Tels. 233-8130 - 233-8031  
 Embratur 114-A • Rio de Janeiro

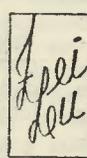
  
**Realité**  
 MODAS  
 INFANTIS  
 Av. Copacabana, 1.063-A  
 TEL. 255-1218

  
**MIC-MAC**  
 BIJOUTERIAS  
 Deixa lua sossegada... e olhe para mim !  
 AV. COPACABANA, 581-S/LOJA 219  
 Av. Copacabana, 581-S/Loja 224  
 AV. COPACABANA, 680 - 1 S/S-LOJA E  
 GALERIA GOLD STAR, 23 - NITERÓI

**ATELIER** 247-5454  **PAPEL DE PAREDE**  
 Papel de Parede Nacional e Importado TUDO PARA DECORAÇÕES EM UM SO LUGAR  
 CAMURÇA • CORTIÇA • TECIDOS • FORRORAMA • LAJOTAS • CANHAMO • LANIFLEX • CORTINAS  
 PLACAS DE AÇO E COBRE • VULCATEX • PISOS RÚSTICOS • PERSIANAS • BOX • MÓVEIS PISCINA  
 O MENOR PREÇO DA PRAÇA  
 Rua Francisco Sá, 36 LOJA (Entre N. S. Copacabana e Raul Pompeia) 247-5454 227-9946

**buono stille**  
 Confeções finas e exclusivas  
 Ampla variedade-pronta entrega  
 R. Figueiredo Magalhães, 226 s/301  
 Copacabana Tel. 255-8218

**DECORAÇÕES ABREU LTDA.**  
 Artigos Para Decorações  
 Tecidos para Cortinas e Estofos  
  
 AV. COPACABANA, 500-C • Tel. 237-0148  
 R. LUIZ DE CAMÕES, 114 • Tel. 224-8206

  
**confeções**  
 Roupas jovem, gestante e criança  
 PRONTA ENTREGA  
 R. Xavier da Silveira, 45 s/ 304  
 e. s/ 1009 • tel. 236-3023 Copacabana

**Bijou Center**  
 BIJOUTERIAS  
 R. CONSTANTE RAMOS, 44  
 CONJ. 601 E 608 TEL.: 255-3730

Papelaria e Tipografia Luka  
  
 IMPRESSOS EM GERAL  
 BOM GOSTO  
 PERFEIÇÃO  
 RAPIDEZ  
 Rua Siqueira Campos, 143 - Sobre-Loja 133  
 Tel. 235-7143 - Copacabana

  
**inayá** **ARLINDO**  
 ALFAIATE  
 TERNOS  
 Camisas sob medida e Caseado sala 201 tel. 255-3769  
 Calças em 24 hs. Sala 205 Tel. 235-1591  
 av. copacabana, 540

☆☆☆ **CUQUINHA** ☆☆☆  
**BOLSAS** ☆☆☆ **UNISSEX**  
 atacado e varejo  
 R. Siqueira Campos, 143 s. lojas 119/120 - G.B.

**DDTIZAÇÃO**  
**INSETISAN**  
  
 Tels. 227-9797 • 228-9797  
 243-9797 • 246-9797 • 264-9797 • 247-9797

**CALÇAS E TERNOS SOB MEDIDA**  
  
**Cyrton**  
 ALFAIATE  
 Av. Copacabana, 420 S/L 210 - Tel. 235-0675

  
 CONFEÇÕES  
 SENHORAS  
 HOMENS  
 CRIANÇAS  
 PRONTA ENTREGA  
 Xavier da Silveira, 45/804/5

ANTIGUIDADES QUADROS  
 OBJETOS DE ARTE MOLDURAS  
**GALERIA BRASIL**  
 MATRIZ: AV. COPACABANA, 1077-A TELS. 255-1879  
 FILIAL: R. LEOPOLDO MIGUEZ, 40/101 256-6836

**Gavelão** ATACADO VAREJO  
 PRONTA ENTREGA  
 - UNISSEX -  
 Santa Clara, 33 s/205 Tel. 236-0083

  
**BRUNET** TELS.: 264-7010  
 Confeções 284-7249  
 RUA CEARÁ, 226/238 - PRAÇA DA BANDEIRA

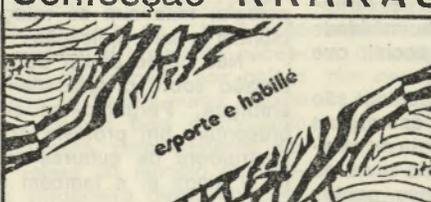


**MANÔ-BERNARD**  
 prêt á porter  
 PRONTA ENTREGA  
 R. SIQUEIRA CAMPOS, 16 S/LOJA 202  
 Tel. 255-7067

**mikaela**  
 malhas  
 Pronta entrega  
 Av. Copacabana, 978 Sala 804

**MAJO DECORAÇÕES**  
 Beliche - Duplex - Cama-Box - Arcas - Mesas - Cadeiras  
 R. Siqueira Campos, 253-C Tel. 235-1238  
 R. Siqueira Campos, 271-A Tel. 255-5850

**DODÓ**  
 CALÇADOS SOB MEDIDA  
 R. SIQUEIRA CAMPOS 143 SOBRE-LOJA 151  
 SHOPPING CENTER

**Confecção KRAKAU**  
  
 esporte e habilidade  
 Rua Constante Ramos, 44 - Sala 1204  
 Copacabana Tel. 392-7068

**FOTO STUDIO MARTINIQUE**  
 FOTOGRAFIAS ARTÍSTICAS  
 ADULTOS E CRIANÇAS  
 FOTOS PARA DOCUMENTOS  
 RAPIDEZ E PERFEIÇÃO  
 AV. COPACABANA, 610/503  
 Reportagens, Batizados,  
 Casamentos, etc.

**NEARA JOIAS**  
 MODELOS EXCLUSIVOS  
 JÓIAS POR ATACADO  
 Letras em Marfim e Signos  
 Av. Copacabana, 435 Sala 704 Tel. 237-1682

**AZZAM** ☆☆☆  
 Calças Camisas Unissex  
 VENDAS PELO MENOR PREÇO  
 Av. N. S. de Copacabana, 1138-A  
 Tel. 255-1311

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 9)

no que produz o já tão escasso estanho, um produto tão importante no mercado mundial, já não passaria mais fome, poderia ter uma vida digna. Nosso nordestino também e toda esta gente do mundo todo, hoje marginalizada, poderia participar da herança comum. Cada um valorizar o que é seu, não é chantagem, não é agressão econômica. Para atingir a meta, basta ter disposição, vontade, firmeza. Se necessário precisa sair do sistema de divisão internacional do trabalho. Sair, E aguardar, terra para plantar não falta, até que os outros reconheçam aos países do terceiro mundo o direito de viver.

Sim, a pergunta de Samir Amin é justa: "Para reconstruir não será preciso destruir"?

A NOVA ORDEM ECONÔMICA MUNDIAL é uma proposição bem ampla. Exige não só um novo relacionamento mundial entre as nações, na busca da justiça e da harmonia mas torna indispensável novas estruturas de trabalho, de participação, de reorganização das prioridades, de solidariedade — em todos os países. Nestas notas se discute apenas algumas alavancas que po-

dem ser acionadas para desencadear o processo de reorganização da convivência humana. Talvez precisará mesmo criar, inventar, novos sistemas — que substituindo as estruturas de dominação, dão realce a dignidade humana. Neste processo de evolução que a cartelização das matérias primas irá precipitar, precisará manter em vista vários pontos cardeais: Os problemas ecológicos terão de ter sempre destaque — só em harmonia com a natureza a humanidade poderá sobreviver. A agricultura, e mesmo a reagrarização, terá que ser o foco de todo desenvolvimento — não pode haver nem a sombra de ordem e justiça, num mundo de gente faminta. Valores culturais e espirituais, decisões que surgem do debate e da participação, devem prevalecer sobre a produção e posse de objetos dispensáveis.

A NOVA ORDEM ECONÔMICA MUNDIAL não virá sem disposição de luta, mas a meta é a concórdia. Serão necessárias algumas atitudes extremas para despertar o mundo da letargia, do conformismo, da continuidade inercial de processos caducos — que só levarão à catástrofe.

UNIÃO — SOLIDARIEDADE — FRATERNIDADE — POR UM MUNDO MELHOR!

**PAPPUS**

General Roca, 858 - D - Tel. 288-3497  
V. Pirajá, 444 - L, 123 - Tel. 227-0782

**Tem Coisa Grátis!**

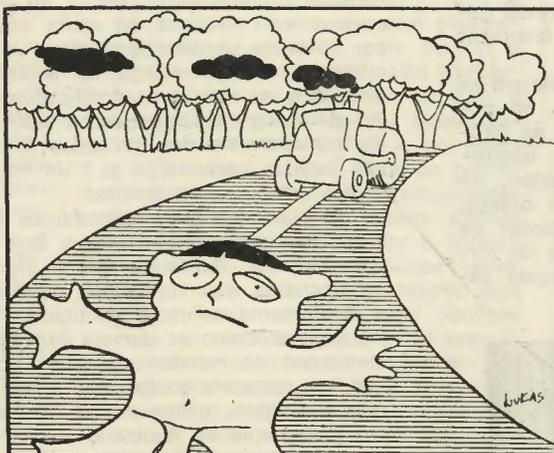
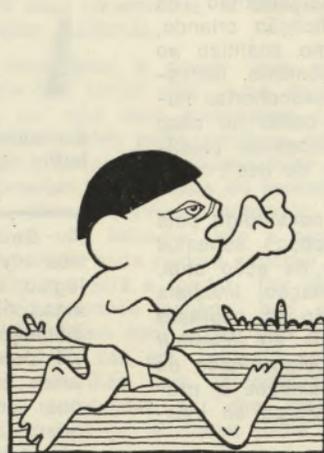
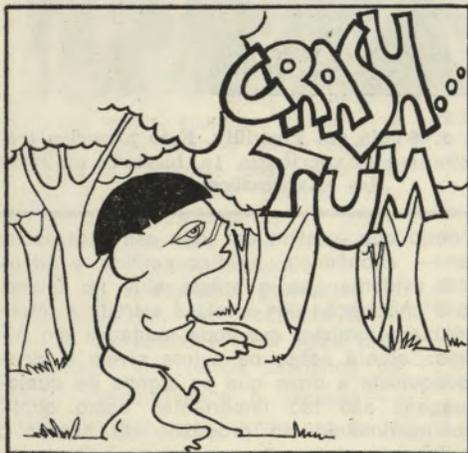
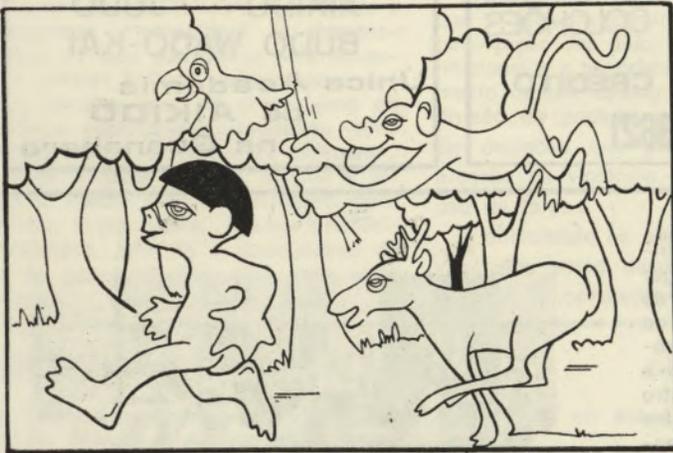
Mande 5 endereços de amigos e conhecidos seus, do Brasil ou Exterior, endereços completos e legíveis), gente que se poderia interessar pelo jornal e fazer assinatura. Cada um deles receberá um exemplar inteiramente grátis, e você receberá como prêmio, um livro de teatro.

Se você estiver a fim de conseguir mais livros, você manda 15 endereços mas por favor, gente que você conhece mesmo) e mais dois cruzeiros em selos e receberá 3 livros.

Junto com cada jornal remetido irá a informação: Oferta por indicação de... aí segue seu nome.

A nossa finalidade no caso, não é só conseguir novos assinantes, mas também lançar sementes, espalhar o nosso ideário, porque embora nosso jornal hoje esteja presente em milhares de bancas do Brasil e do mundo, quanta gente não passa indiferente diante das coisas e nem enxerga o que está diante do seu nariz. Ou enxerga, e lê — ABERTURA — e acha que está na hora do fechamento, val fechar o escritório para tomar uma calpirinha — ou perdão — um ulsqui on the rock.

Então gente vamos nesta — e se vocês quiserem aproveitar e dizer algo sobre o jornal umas críticas construtivas ou destrutivas, uns elogios rasgados, estão convidados para esta também. A melhor pixação e a melhor loa serão premiados cada uma com um pacote de livros! Tá?



**NEW COUNTRY**  
Bijuterias, Batas, Bolsas, Cintos, Acessórios e varejo

R. BARATA RIBEIRO, 774-S/504 Copacabana

**PAULINHO** ★  
confecções

Moda Jovem  
Pronta entrega

Av. Copacabana, 1072/902 Tel. 257-1729

**R T TAPEÇARIA**  
Cortinas sob medida  
**PAINÉIS**

Artigos para Decoração

Rua Dias da Rocha, 20 - Loja C  
Telefones.: 255-3650 e 256-2382

**Emmanuelle**  
Moda Jovem  
MODERNA - ELEGANTE - DESCONTRAÍDA  
ESPORTE e HABILÉE

Tamanhos de 38 a 48  
R. Xavier da Silveira, 45 - D 255-1768

**CULTURA É TUDO...**

**NÓS NOS PREOCUPAMOS COM CULTURA**

**MCB mb**

**MIGUEL COUTO BAHIENSE**  
o 1º da classe

**Teatro no Rio de Janeiro**

**TUDO NO ESCURO** — Comédia de Peter Shaffer. Dir. Jô Soares. O que acontece quando falta a luz? **TEATRO PRINCESA ISABEL** Av. Princesa Isabel, 186 — Tel.: 275-3346.

**GATA EM TETO DE ZINCO QUENTE** de Tennessee Williams. Dir. de Paulo José. Crise em família na Dixie-America. **TEATRO COPACABANA** Av. Copacabana, 237 — Tel.: 257-1818.

**O SANTO INQUERITO** de Dias Gomes. A eterna Inquisição em marcha. **TEATRO TERESA RAQUEL**, Rua Siqueira Campos, 143 — Tel.: 235-1113.

**CINDERELA DO PETRÓLEO** comédia de João Bethencourt. Um convite para rir da chamada "crise energética". **TEATRO GINÁSTICO** Av. Graça Aranha, 187 — Telefone 221-4484.

**A LONGA NOITE DE CRISTAL** Comédia dramática de Oduvaldo Viana Filho. Dir. de Graíndo Júnior. Um exame crítico do ambiente na Televisão. **TEATRO GLÓRIA** Rua do Russel, 642 Tel. 245-5527.

**VOGUE**

SERVIÇOS DE CLASSE PARA SUA DISTINÇÃO

Limpeza de pele especializada  
Corte de cabelo à navalha  
Tintura, massagens, manicure, pedicure

Som total - Ar condicionado

RUA SANTA LUZIA, 797 Tel. 252-5966 RIO

**rô.pa**

Rua Xavier da Silveira, 45 - B

MODA FEMININA  
E UNISEX ATUAL

**AUTO ESCOLA ARCOVERDE**  
CURSO ESPECIALIZADO  
PARA AMBOS OS SEXOS  
AMADORES E PROFISSIONAIS  
R. RODOLFO DANTAS, 110/203



Tel.: 255-2506  
Com apresentação deste anúncio desconto de 10%

**CURSO OREGON INGLÊS**

- AUDIO-ORAL ● INTENSIVO
- Cursos para pessoal de hotel, turismo, restaurantes e comércio
- Conversação — todos os níveis  
Manhã Tarde Noite
- Turmas pequenas — Ar refrigerado

**CURSO OREGON**  
Av. Prado Júnior, 48  
Gr. 1 206/7/8 — Tel. 256-8387

# COPACABANA

**Loja das Fraldas**  
**TUDO PARA O BEBÊ**



COPACABANA: Rua Barata Ribeiro, 354-E Tel. 237-8543  
IPANEMA: R. Visc. de Pirajá, 86 Lj. D Tel. 267-9035  
MADUREIRA: Av. M. Edgar Romero, 81 sl. 226 Tel. 350-4599  
TIJUCA: R. Desemb. Isidro, 5 Sobr. Tel. 228-2641

PERSONALIDADE **GIPSY**  
FASCÍNIO E BELEZA  
COM ÓCULOS DA **OTICA**  
QUALIDADE MÁXIMA MELHORES PREÇOS

Novidades em receituário — Esporte

COPACABANA, 664 LOJA 14  
TEL. 255-3281  
GALERIA MENESCAL

**Leia e Divulgue**  
**Abertura Cultural**

**decorações**

**mendes**

DEPÓSITO **móveis** COPACABANA  
Preço de Fábrica

ARMÁRIOS EMBUTIDOS COLCHÕES  
VENDAS A CRÉDITO

r. ministro viveiro de castro, 72 a - fone 255-3621



**ASSOCIAÇÃO CARIOCA DE AIKIDÔ**  
R. BARATA RIBEIRO 810 - TEL. 255-6263

**AIKIDÔ · JUDÔ**  
**BUDO WADO-KAI**  
Única Academia de AIKIDÔ na Guanabara

## A Linguagem da Ação

CLEMENTE PADIN

As linguagens se valem de signos que substituem objetos do mundo exterior para exprimir e comunicar mensagens. Já não se mostra a árvore: diz-se "essa árvore". A representação da árvore mediante um signo que acusticamente soa assim e que por convenção social designa um objeto com determinadas características que o diferenciam de outros objetos que por sua vez têm outros signos para designá-los foi fator de progresso ao favorecer as relações de produção.

As linguagens de representação ao valerem-se de signos que não são os próprios objetos, só podem atuar, imediata e diretamente, sobre as próprias representações. A influência dessas linguagens sobre a realidade efetua-se a posteriori, ao propiciar condutas mediante a sugestão, as ordens, as solitudes, etc. Porém termina aí o "poder da palavra", como dizem os poetas; o que atua de forma definitiva é o homem e não a linguagem representativa.



«O artista está a serviço da comunidade». Ação realizada no museu de Arte Contemporânea de São Paulo — Agosto — 1974.

A poesia visual, a "Art-Mail", o "body-poem", a poesia comportamental, o conceitualismo, etc. são realizações artísticas que se valem de linguagens de representação — falar, escrever, pintar, recitar, cantar e qualquer outra técnica artística conhecida são de fato atos, porém atos cuja índole determinante é a emissão de representações e não a emissão de uma mensagem mediante uma ação. Cada linguagem tem seu próprio sistema de decodificação (a leitura) e tal mecanismo não mudará ainda que se altere, até o inverossímil, os canais ou bases sobre as quais flue a informação estética, sejam páginas, cartões, telas, postais, paredes, discos, o corpo humano, etc. Tampouco se alteram esses mecanismos de leitura e/ou escritura ainda que se modifiquem, também até o inverossímil, os instrumentos utilizados para escrever, sejam lápis, pinéis, machados, aviões, etc., ou as substâncias empregadas na técnica da escritura: carvão, óleos, tintas, emulsões, barro, cinza, etc. Todas as combinações são possíveis com as linguagens de representação, como no futebol, mas a mecânica de

tais linguagens não pode ser alterada sem destruí-las e criando outras novas, isto é, pode-se jogar futebol de muitas maneiras, com bola de pano ou de borracha, num campo ou num pátio, com balizas de madeira ou de fibra, porém se se modifica por exemplo a regra que impede os jogadores de tocarem a bola com as mãos, estará sendo criado um outro esporte. Às vezes, à arte moderna, basta fazer-lhe uma pequena modificação para criar novas correntes artísticas como por exemplo aplicar os avanços científicos que alteram os canais — a fotografia, o cinema, a computação, etc.; ou radicalizando os pressupostos teóricos de certa codificação criando, por exemplo, a passagem do cubismo analítico ao cubismo sinético e logo ao abstracionismo, tachismo, etc.; ou aplicar as codificações descobertas numa determinada linguagem a outra, como no caso da transposição das unidades significativas plásticas para a literatura, v.g. "Un coup de dés", etc., porém este é outro assunto.

O outro termo da contradição é constituído pela linguagem da ação, sobre a qual pouco sabemos hoje em dia. Supõe-se que o signo da ação atua, ao contrário dos signos de representação, imediata e diretamente sobre a realidade. Não só expressa mensagens, como as demais linguagens, ao substituir elementos do mundo exterior por signos-atos de imediata convencionalização, como também o próprio ato-signo realiza aquilo que expressa ao mesmo tempo que se realiza o ato.

Para favorecer a análise, dividamos o signo da ação e vejamos como atuam seus elementos: o significante e o significado. Por um lado, a nível de significante, age sobre a realidade e, por outro, a nível de significado, age ideologicamente. Eis um pequeno exemplo: o governo uruguaio decidiu demolir, em outubro/73, duas velhas estruturas de cimento que tinham, anteriormente, sido levantadas para a construção de um monorailho e que, por razões técnicas, nunca pôde ser executada. O signo-ato, a nível de significante, agiu sobre a realidade com a efetiva e real demolição das estruturas de cimento e, a nível de significado, com a idéia que despertou na opinião pública, de que o governo "demolirá todas as estruturas velhas que não prestem para o país". Este exemplo serve também para mostrar de que modo é possível valer-se dos signos — de qualquer linguagem — para disfarçar a realidade sob um manto de sinais, representações ou atos. A qualquer linguagem se pode forçar a dizer o que se deseja e a veracidade do exposto se impõe por autoridade do emissor ou por outras formas conhecidas de deformação informacional. Assim, é possível observar-se que determinado sistema de comunicação pode expressar algo mediante uma linguagem e desmenti-lo mediante outra: são os desajustes inadvertidos entre teoria e prática que costumam ter os movimentos artísticos ou os conscientes e calculados quando se trata de propaganda e/ou publicidade. A informação, qualquer que seja sua natureza, é o fruto da atividade produtiva das comunidades e, ao mesmo tempo, é um fator que facilita sua própria atividade de produção, isto é, a informação estética pode favorecer o desenvolvimento das forças produtivas ou entorpecê-lo (daí a grande preocupação dos Estados opressores por controlar todo meio de comunicação, como no caso).



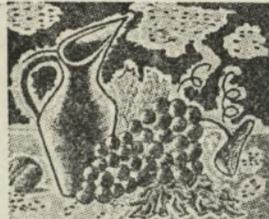
Formando o círculo em Picadilly. Este primeiro trabalho se chamou «Experiência 1», baseada na idéia das «Expressões».

Se é certo que existem em toda estrutura social três níveis — econômico, jurídico-político e ideológico — é evidente que o artista atua no último, mas, como a imbricação dos níveis é estreita e interinfluença, é claro também que toda mudança em nível ideológico atuará sobre os outros níveis e vice-versa; isso equivale a dizer que os signos de qualquer linguagem são tão importantes como qualquer outro instrumento no propósito de alterar o nível determinante de qualquer sistema. Hoje em dia, para muitos artistas, interessa uma arte que altere a realidade indesejada e não uma arte que apenas lhes permita expressar, seja verbal ou plasticamente, ou comportamentalmente, ou conceitualisticamente, esse desejo; sem confundir a linguagem da ação com a linguagem gestual, cujos signos estão convencionalizados socialmente e representam atitudes: presentear flores à esposa, oferecer o lugar às damas, o cumprimento, etc.

A informação estética que o artista transmite enriquece o repertório do receptor possibilitando maiores níveis de compreensão da realidade e, em consequência disso, amplia suas possibilidades de atuar convenientemente sobre a realidade, porém não é a obra que altera a realidade mas aquele que a consome — o espectador, o ouvinte, o participante, etc. —; em troca, mediante a linguagem da ação, o artista não só se vale do mecanismo habitual de processamento da informação estética, segundo as normas tradicionais — atuar exclusivamente ao nível ideológico — como também, por sua vez, a própria obra pode agir diretamente sobre a realidade.

O fundamento da atividade artística de vanguarda é a imprevisibilidade da informação estética e isso se consegue alterando os códigos ou modelos combinatorios de signos por outros inéditos, isto é, deixando de lado as características já dadas em arte, reajustando os signos em discursos ou textos que agitam o quietismo e a entropia próprios da arte conhecida e digerida; favorecendo novas relações e novos conhecimentos da realidade, criando novas aberturas que permitam novos modelos de comportamento e uma adequada relação com o entorno, criando novas codificações de linguagens conhecidas ou criando novas linguagens, disso se trata.

Tradução: MÁRIO DE OLIVEIRA



**A DWA MOLDURAS FINAS**  
 \* Gravuras \* Quadros \* Exclusividades  
 \* ACRÍLICO \* ALUMÍNIO \*  
**PONTO DE ENCONTRO DOS ARTISTAS**  
 VISCONDE PIRAJÁ, 452 L/ 13 e 25 Tel. 267-8200  
 Galeria dos Correios  
 Filial: Rua Miguel Lemos, 51-F  
 ao lado do Teatro Miguel Lemos

**FREEDOM**  
 IND. E COM. DE ROUPAS LTDA.  
 CONFECCÕES FEMININAS  
 Rua Barata Ribeiro, 774 Sala 901

grande sortimento de artigos nacionais e estrangeiros  
**bastos alfaiate**  
 r. cupertino durao, 96-b tel. 294-2099  
 (esq. ataulfo de paiva) leblon rio

**TUDO**  
 CONFECCÕES  
 ATACADO E VAREJO  
 DEPOSITO:  
 IPANEMA — R. JANGADEIROS, 42-H

**FLYING DUTCHMAN**  
 COM CARGA DE ORIGINALIDADE  
**Jovem - Moda - Jovem**  
 ANCORADO NA  
 AV. COPACABANA, 647 s/loja 204 \*tel. 235-4416

*Quebraluz*  
 Abat-jours em modelos exclusivos.  
 Laca, Porcelana, etc. Decorações e Presentes.  
 Laqueamos e fazemos cupulas.  
 R. BARATA RIBEIRO, 344 S/201  
 Tel. 235-1858 RIO

**LALIA**  
 confeccões  
 R. HILARIO DE GOUVEIA, 66/616  
 Copacabana Rio de Janeiro

EMI SÃO LOURENÇO  
**HOTEL**  
**PONTO CHIC**  
 Melhor localização em frente ao Parque das Águas  
 Férias - Repouso - Alegria  
 DDD-035 Fone 331-1049

UMA OPÇÃO DE QUALIDADE  
 NO VESTIBULAR  
**CURSO PSI-CO/EINSTEIN**  
 COPA: AV. COPACABANA, 1183 — 6º ANDAR  
 CENTRO: R. 7 DE SETEMBRO, 237  
 MEIER: R. DIAS DA CRUZ, 298 (COL. MEIER)

**MARI LU**  
**INDICA**

**DELFIN DECORAÇÕES** — Espelhos envelhecidos para painéis em 5 tonalidades. Papel em alumínio importado para revestimentos de copas, cozinhas e banheiros. Grande variedade em cortiça em padronagens rústicas e nobres. Alto padrão em todas modalidades de revestimento e decoração — com especialização na decoração de hotéis e motéis. **DELFIN DECORAÇÕES** — Atelier — Rua Francisco Sá, 36 — Loja — Telefones 247-5454 — 227-9946.

**MIC-MAC** — um cintilar de bijouterias — criativas, diferentes — com enorme escolha, para todas ocasiões e todos gostos. Quatro lojas à sua disposição: Av. Copacabana, 581 s/loja 219 — Av. Copacabana, 581 s/loja 224 — Av. Copacabana, 680 s/solo loja E — Galeria Gold Star loja 23, Niterói. Lembre-se para bijouterias **MIC-MAC**.

**FOLLY DOLLY** — um padrão em confeccões — sempre na vanguarda da moda mais original, prática, com estilo. Pronta entrega. **FOLLY DOLLY** Barata Ribeiro, 774 — 902-4 — Tel. 255-3950.

**DECORAMARTE** — Um alto padrão de atendimento a sua disposição. Cortinas — Tapetes — Forrações — Colchas — Persianas e Cortinas Japonesas — Sempre Novidades. **DECORAMARTE** Rua Santa Clara, 115 — s/ loja 202 — Telefone 236-5049.

**Mme CAMPOS** — Produtos de beleza de renome internacional. Os pós dourados, prateados e translúcidos, as máscaras de espuma e bio-plásticas tem fel-

to sucesso de Paris a California, e suas maquiagens especiais para os desfiles de manequins de costureiros internacionais como Cardin, Paco Rabane, Clara Centinaro e outros, tem causado sensação. **Mme Campos** mantém no Rio um salão modelo, com o mais alto padrão em todos serviços de beleza. **Mme CAMPOS** Av. Copacabana, 583 — 5º andar Tels. 237-0523 — 236-5911.

**START** — está na hora do start — o sol, se espelha nos casacos de couro — o vento vem ao encontro — ou seguimos na esteira do vento — **START** — roupas de couro em geral — também vestidos em tecidos — tudo do melhor, sempre novidades. **START** Rua Siqueira Campos, 122-B — Copacabana.

**EMMANUELLE** — Moda jovem — descontrada — elegante — moderna — **EMMANUELLE** feminina e arrojada como o nome — **Vanguarda não se busca — MAS É** — Agora com os lançamentos da próxima estação — Outono — Inverno. Venha conhecer primeiro os novos rumos múltiplos da Moda. Em **EMMANUELLE**: Rua Xavier da Silveira, 45-D — Telefone 255-1768.

**DI OCCHIALI** — Há óculos e óculos — por isso procure **DI OCCHIALI** — O padrão científico e profissional mais exato, combina-se com os estilos mais modernos e pessoais de armações de qualidade. **DI OCCHIALI** — Visconde de Pirajá, 330 — Cidade de Ipanema, Loja 114 — Tel. 287-8677.

**CASAS SÃO JOÃO BATISTA MODAS**  
 modas femininas  
 moderna e clássica  
 Matríz: R. Gonçalves Dias, 59 — Tels. 252-6518 — 252-5672  
 Filial: Av. Copacabana, 723-B — Tels. 255-3729 — 235-2427

**DR. ABRAM COZER** CRO-2238  
**DR. RUY MARRA DA SILVA** CRM-5095  
**Tratamento Dentário sob ANESTESIA GERAL em ÚNICA SESSÃO.**  
 Atendimento das 8 às 21 horas, inclusive Sabados e Domingos. HORA MARCADA.  
**Av. Copacabana, 895 — 3º - tel. 255-0234 e 255-1540**

*Mme Campos*  
 PRODUTOS DE BELEZA  
 A MELHOR LIMPEZA DE PELE  
 MAQUILLAGE IMPLANTAÇÃO DE CÍLIOS MASSAGENS ELETRÔNICAS  
 BANHO DE ESCAMAÇÃO REVITALIZANTE  
 DEPILAÇÃO PELA CERA QUENTE E FRIA E.  
 DEFINITIVA E INDOLOR, PELA  
 ELETRO COAGULAÇÃO.  
 AV. COPACABANA, 583 — 5º 237-0523  
 236-5911

**Feathers**  
 VISCONDE DE PIRAJÁ, 580 LOJA 204

TUDO EM JEANS  
**LIXÃO**  
 BLUE JEANS  
 Av. Copacabana, 581 — Sub-Solo Lojas 10 e 11  
 Centro Comercial Copacabana Tel. 255-3018

*Folly Dolly*  
 Confecção  
 Barata Ribeiro, 774-902/4 Tel. 255-3950

**spring flores**  
 PLANTAS ORNAMENTAIS — DECORAÇÕES E JARDINS  
 R. FRANCISCO SÁ, 51 LOJAS 11 e 12  
 Tel. 287-3096 COPACABANA

**start**  
 Especializada em roupas de couro em geral e para motociclistas  
 Rua Siqueira Campos, 122-B Copacabana

Matrícula  
 Gratis  
**auto escola**  
*Monte Carlo*  
 R. BARATA RIBEIRO, 418 S/103  
 TEL. 255-4749

**DARPA**  
 INTERNATIONAL  
 Tunicas, batas, colchas e artigos indianos em geral  
 Rua Xavier da Silveira, 45 s/808/809 ■ Tel. 255-8149

**MARY BLACK**  
 Mary Black — um nome consagrado na renovação da moda. Conheça os lançamentos para meia estação. **Mary Black**: Ipanema — Visconde de Pirajá, 86. Leblon — Rua Gal. Venâncio Flores, 255.

**SIGNO** GALERIA DE ARTE  
 rua visconde de pirajá, 580 ss-114

ARTES  
 ANTIGUIDADES  
 MOLDURAS  
 DECORAÇÕES

**GALERIA BAHIAART**  
 (ZITO TAPEÇARIA)  
 ARTES ANTIGUIDADES  
 DECORAÇÕES  
 MOLDURAS

R. CARLOS GOES, 234-LJ/H - LEBLON - RIO

**SOLUZ**  
 TUDO EM ILUMINAÇÃO

Trilhos - Spots - Mat. Elétrico - HQ.  
 Visconde de Pirajá, 605-G e K - Tel. 227-9832

**MARILIA LEAL**  
 Decorações de Interiores  
 e Instalações comerciais

Visconde de Pirajá 156 loja 213  
 Ipanema fone 2873571

★ **Ipanema - Entre o Mar e a Lagoa** ★

**STUDIO YUMMY SOM**

• INSTALAÇÕES •  
 • VENDAS • CONCERTOS •

TEL. 287-7447  
 VISCONDE DE PIRAJÁ, 82 • S/ 701-702 •

**Sagaro** BOLSAS FINAS  
 CALÇADOS para SENHORAS

Visc. Pirajá, 295-B tel. 287-3729

**Bicotta**  
 BOUTIQUE INFANTIL  
 tudo para seu bebê  
 e até 12 anos

Visc. Pirajá, 330 Lj. 113 Tel 267-0506

*Decorações Manfreda*  
 25 ANOS DE TRADIÇÃO

TUDO PARA CORTINAS - TECIDOS EXCLUSIVOS  
 R. VISCONDE DE PIRAJÁ, 431-A TEL. 247-8254  
 IPANEMA

SALGADOS  
 OU DOCES

**Achille's**

Resolve seus problemas de cozinha  
 TEL. 247-9689

IPANEMA JARDIM BOTANICO

**Pitig's PRESENTES**

Importadores - Brinquedos  
 Acrílico - Prataria/  
 R. Visc. de Pirajá, 580 Loja 110

Um mensário de luta  
 sua luta - nossa luta

**LEIA**

**ABERTURA**  
 CULTURAL

CONTRA A RADIOATIVIDADE  
 POR UM FUTURO NACIONAL

Por uma vida limpa  
 sem energia suja

TEATRO NA RUA  
 FEIJÃO NA PANELA

NAS BANCAS  
 DO BRASIL E PORTUGAL

Junte-se ao movimento  
**Resistência Ecológica**

Tome contato: Caixa Postal 12.193  
 ZC-07 RIO DE JANEIRO - BRASIL

**Resistência Ecológica - Participe**

Ecologia tornou-se uma palavra de moda. Mesmo a ação ecológica está na ordem do dia. A destruição do meio-ambiente tornou-se em muitas partes um fato tão calamitoso, que medidas anti-polução e medidas de recuperação se tornaram inevitáveis.

Mas as medidas ecológicas que partem dos setores oficiais, raras vezes fazem mais do que enfrentar os efeitos mais em foco, enquanto as causas, que são em grande parte estruturais, permanecem intatas, e crescem junto com a expansão da economia.

Todo ecologismo oficial se reduz geralmente a meias-medidas, industrialização da anti-polução, ou uma proteção da natureza, atrás de grades, enjaulada ou demagógica.

Todas medidas ecológicas mais concretas, mais radicais, tem partido de iniciativas de cidadãos, preocupados com a degradação do ambiente natural, da vida humana e do conjunto do equilíbrio dos processos vitais. Com apoio das instituições universitárias, da juventude, dos setores mais responsáveis da sociedade nas organizações religiosas, políticas, culturais, sindicais etc., as sociedades ecológicas tem feito sentir a sua influência no mundo todo, em escala crescente.

RESISTÊNCIA ECOLÓGICA chama para a participação global.

As frentes de combate são amplas — é necessário resistir ao avanço rapinante do pseudo-progresso.

A militância ecológica tem que combinar a atuação local e regional — na defesa contra os atentados à ecologia local, defendendo árvore por árvore, córrego

por córrego, fiscalizando os níveis de poluição local, opondo-se as medidas anti-natureza planejadas e realizando campanhas de esclarecimento de base junto as populações — com uma atuação em caráter nacional, que visa os problemas globais, desde a luta anti-nuclear até a defesa da Amazônia, dos direitos dos índios, de uma política agrícola adequada, que são temas de lutas globais. Ao mesmo tempo é importante a manutenção e expansão das relações com as grandes sociedades ecológicas do mundo, cuja maiorai já tem dado sua solidariedade e apoio ao movimento RESISTÊNCIA ECOLÓGICA.

Participe!  
 Inscreva-se no movimento RESISTÊNCIA ECOLÓGICA

A participação no movimento Resistência Ecológica obedece as seguintes diretrizes, para as três categorias de sócios:

**Sócio Militante:** Fornecer por carta, onde declara aderir ao movimento, todos dados pessoais fundamentais: Nome completo, endereço, idade, profissão, e outros que considera relevante. Discriminar em que setores poderá colaborar e qual o tempo disponível: Divulgação do ideário ecológico — Divulgação do jornal Abertura Cultural, órgão principal do movimento, organização e participação em grupos ecológicos locais, etc. Taxa de inscrição que inclui carteira de sócio de Resistência Ecológica — Cr\$ 100,00, (mandar para isso duas fotos 3x4). Cada militante ecológico estipulará de acordo com suas posses, sua contri-

buição mensal — mínimo Cr\$ 5,00 — todas contribuições abaixo de Cr\$ 50,00 deverão ser mandados em selos postais. As outras em cheque comprado pagável no Rio em favor de Resistência Ecológica.

**Sócio Contribuinte:** Mesmos dados, mesma possibilidade de participação se tiver tempo disponível. Taxa de inscrição: Cr\$ 300,00 — (fotos 3x4 para carteira) Contribuição mensal opcional a partir de Cr\$ 100,00.

**Sócio Fundador:** Pagamento único ou em algumas parcelas de um total de Cr\$ 5.000,00 — Recebe carteira de sócio e diploma de Sócio Fundador.

Todos sócios tem idênticas possibilidades de participar das atividades sociais, divulgação, informação, organização e são chamados também de acordo com suas habilitações a participar da divulgação dos ideais ecológicos, em colaborações para a imprensa, conferências etc.

RESISTÊNCIA ECOLÓGICA não oferece aos seus sócios vantagens pessoais. Oferecemos a todos apenas a possibilidade de participar desta luta em favor da vida, por um mundo melhor, pela sobrevivência da humanidade.

Os dirigentes nacionais do movimento RESISTÊNCIA ECOLÓGICA são Otto Buchsbaum — Presidente, Florence Buchsbaum, Bastos Mello, Tales Lima — Vice-Presidentes, Beti-da-Costa, Elcio Mendes Lage, Ruiz Lladrés — Membros do Conselho Diretivo. Não há cargos remunerados.

Participe pois você também de RESISTÊNCIA ECOLÓGICA.

Mande sua adesão para: Caixa Postal 12.193 — ZC-07 — RIO DE JANEIRO.

**Prevenção do Câncer na Mulher**  
**Fundação Bela Lopes de Oliveira**

Convênio com o INPS  
 Rua Barão de Lucena, 95 — Botafogo  
 Marque seu atendimento pelo Tel.: 266-1032, das 13 às 16 hs.

Confecções finas  
 PRONTA ENTREGA  
 Av. Copacabana, 647 Grupo 1110 tel. 237-2465

ATACADO

**ABERTURA**  
 CULTURAL

**Faça Sua Assinatura**

UM MENSÁRIO DE LUTA

ASSINATURA ANUAL	Cr\$ 80,00
ASSINATURA SEMESTRAL	Cr\$ 40,00
Exterior: Portugal (anual — via aérea)	400 escudos
(anual — comum)	300 escudos
Outros Países (anual — via aérea)	20 dólares
(anual — comum)	10 dólares

Cheque pagável no Rio de Janeiro (RJ) ou Vale postal pagável na Agência Copacabana (RJ) sempre em favor de

Abertura Cultural Editora Ltda.

Caixa Postal 12.193 - ZC-07 - 20000 - Rio

# A Intolerância - Doutrina de Estado

GEORG

A intolerância contra as convicções alheias, a perseguição e o martírio do que se costuma chamar heréticos é tão antigo quanto a organização dos homens em comunidades. A intolerância atinge todos os campos: Religioso, Político, Científico, Artístico. É sem dúvida interessante observar, que mesmo em campos não estritamente políticos, o Estado organizado tem colaborado afanosamente na perseguição, supressão, discriminação e em todas outras formas de combate contra a "heresia", culminando muitas vezes no martírio dos dissidentes.

Esta participação do Estado nas perseguições parte do pressuposto consciente ou inconsciente de que o poder estatal deve ser exercido em todos domínios da vida, o que torna todo ato, em qualquer campo — um ato político.

Sócrates bebendo cicuta, Cristo morrendo na cruz, os mártires cristãos da Roma Imperial, Huss morrendo queimado depois de voluntariamente comparecer ao concílio de Constança, Giordano Bruno, queimado como mártir da ciência, a noite de São Bartolomeu na França, a Inquisição, a perseguição e martírio de católicos na Inglaterra, Irlanda e outros países protestantes, a Revolução Francesa que a exemplo de tantas outras revoluções "comeu os seus filhos", o antisemitismo — chegando ao extremo da "solução final" da Alemanha Nazista, Ku — Klux — Klan, os sangrentos expurgos contra heréticos promovidos por Stalin, ou mesmo a marginalização de todos cientistas "mendelistas" durante o domínio de Lysenko, as mais sutis discriminações que existem em todos campos, onde o consagrado marginaliza o novo. Quantos Pintores, Escritores, Cientistas, Filósofos e Inventores

precisaram enfrentar o desprezo dos seus contemporâneos, quantos morreram na mais aviltante miséria, para só depois alcançar, já mortos e enterrados, a consagração e em certos casos serem transformados por sua vez em obstáculo e argumento contra o novo, o diferente que surge.

Em todas "caças de bruxas" em todas discriminações contra "os diferentes" há não só a eclosão da intolerância de indivíduos, grupos, doutrinas — mas há a onipresente mão pesada do ESTADO CONSTITUÍDO, naturalmente estático, naturalmente avesso a toda mudança não programada por ele mesmo ESTADO, que se quer perpetuar — e sabe como é difícil qualquer estrutura física de poder — e o ESTADO CONSTITUÍDO não passa disso — resistir à erosão, à modificação dos substratos, à evolução das infra-estruturas do REAL e das super-estruturas do pensamento e das suas criações. Qualquer doutrina religiosa, espiritual, filosófica, intelectual pode tranquilamente afirmar que resiste a passagem dos séculos, ou reclamar para si "as portas da eternidade". Com uma certa flexibilidade de conceitos pode-se hoje ser "socrático", "platônico" ou "aristotélico", ou pode-se querer extrair o "último ratio", a compreensão e causa do mundo do pensamento de qualquer outro filósofo grego, chinês, indú, romano, persa — ou moderno. Também do rico simbolismo, das alegorias, das tradições orais dos povos nativos — é possível extrair uma compreensão coerente do mundo e dos homens. Séculos, milênios passam e pouco significam diante das construções mentais, religiosas, filosóficas, intelectuais do homem. A "ILIADA", a "GEOMETRIA EUCLIDIA-

NA", "LUN YU" e "TAO TE CHING" que fixam respectivamente os pensamentos de Confúcio e Lao Tse, fazem apenas parte de uma longa lista de criações no campo espiritual que atravessaram os milênios. As grandes religiões, nas suas diversas denominações, buscam suas raízes em tempos longínquos. A BÍBLIA continua o livro mais traduzido e editado. O ALCORÃO, OS ENSINAMENTOS DE BUDA e muitas outras obras que enfaçam princípios religiosos e visões do mundo de antigüíssimas origens conservam o seu antigo vigor.

As estruturas dos Estados da Antiguidade, contemporâneos ao surgir destas doutrinas, ruíram todas há muito tempo, e mesmo dos seus monumentos materiais pouco sobrou, além de algumas ruínas e das pirâmides do Egito.

A intolerância como base e doutrina do Estado tem exatamente sua origem na fragilidade de todas estruturas de poder. O Estado como instrumento da aquisição e conservação de bens materiais e privilégios, está constantemente enfrentando o entrecchoque de interesses. É uma área onde tende a prevalecer a lei do mais forte, quando não de uma vez a lei da selva. É natural que através de toda história, as Estruturas de Poder procuraram nas correntes religiosas, filosóficas e intelectuais predominantes, os fundamentos éticos para sua ação. Surgindo disso muitas associações entre poder temporal e espiritual. Os exemplos extremos de intolerância e perseguição, os martírios que a história registra são resultado desta conjunção: O ESTADO defendendo com a força, seu instrumento predileto, a pureza da doutrina cujos fundamentos "éticos e espirituais" adotou. A histó-



Garcia D'Ávila, 134-C Tel. 247-4874  
Copacabana, 851-A Tel. 235-6177

ria mostrou que nestas alianças Estado com Religião ou Filosofia, o Estado não adquiria princípios éticos e a Doutrina "favorecida" só perdia autenticidade.

Na atualidade, a prática da democracia, já oferece ao Estado não só um mecanismo de decisão, as eleições gerais a intervalos regulares, que ao menos teoricamente ou através de um longo processo de aperfeiçoamento, entregam o poder a maioria, mas também criou bases morais para o exercício do poder. Ao mesmo tempo as religiões e correntes filosóficas amadureceram. Já conseguem descobrir o que os une como mais importante do que as diferenças. E descobriram também que o poder corrompe e que toda visão ética do mundo deve visar o homem, sua felicidade, dignidade e elevação e não, como era regra no passado, pactos de domínio com a força.

Mesmo assim estamos ainda longe de realizar uma situação onde se alcança o predomínio da justiça entre nações e indivíduos, a garantia para todos dos direitos fundamentais do homem, tão bem fixados e estabelecidos e afinal um estado onde a maioria efetivamente decide e governa, mas também onde, se houver um único cidadão com opinião diferente da dos outros, este único, tem a garantia de manter, defender e manifestar sua discordância.

**MÓVEIS SOB MEDIDA**  
FABRICAÇÃO PRÓPRIA  
Vendas a Crédito

Armários embutidos Estantes Bicamas  
Camas com gavetões, Estofados finos  
e aquele móvel que você não encontra  
pronto em lugar nenhum.

William  
Kaufmann Decorações  
RUA DO RIACHUELO, 44 - A  
3 pavimentos com fábrica e exposição  
tels. 242-8375 \* 232-9000 - RIO



# HARE KRISHNA

GEORG

Uma algo estranha decisão do Juizado de Menores do Rio de Janeiro determina que os menores de idade para poderem frequentar templos do movimento religioso Hare Krishna, necessitam de autorização paterna.

A limitação visa expressamente o Hare Krishna numa discriminação com relação a todas outras religiões.

Surgem no caso alguns problemas a considerar:

1) Será que Hare Krishna tem qualquer característica especial, que justifica esta exceção, quando durante a polêmica em torno se falou em "aliciamento de menores"? — Parece que não. Em nenhum momento foi possível acusar o movimento Hare Krishna de qualquer pretensa imoralidade, qualquer ligação com tóxicos, ou mesmo qualquer outro comportamento que mesmo sob o prisma de outras religiões possa ser considerado "pecaminoso". Todas religiões dirigem seus apelos aos jovens — pode-se chamar isso "aliciamento" de menores?

2) Até onde vai o pátrio poder em matéria de convicções, religião, pensamentos? Aos pais cabe um amplo poder no processo educacional. A eles cabe em boa parte a orientação dos filhos desde a mais tenra idade. Eles procuram geralmente transmitir aos filhos sua religião, suas convicções, sua maneira de agir e pensar. Isto é realmente fácil com relação a crianças, que não assumem com relação aos pais uma atitude crítica. A partir de um certo momento, o já adolescente começa mudar. As influências extra-familiares crescem, os filhos começam observar os pais. Conforme o caso toda cuidadosa doutrinação e educação pode mostrar o reverso. Religião

de fachada, convicções de fachada e moral de fachada — são coisas que o adolescente não aceita. O jovem pensa, quando deseja pensar, em valores absolutos, repele os compromissos. Eis a crise existencial fundamental dos filhos da burguesia. Os filhos pobres normalmente são catapultados diretamente da infância à idade adulta e seus problemas. Nos filhos da burguesia, a crise existencial da adolescência, que além da educação recebida, tem muitas outras causas concorrentes, pode eclodir de muitas formas, sendo que a resolução de mudar de religião, quer dizer repellar a religião, herdada, por, outra livremente aceita e escolhida, é sem dúvida a mais benigna, ou conforme o caso até um sinal de maturidade. Os pais que nos primeiros 14, 15 ou 16 anos de vida do jovem, não conseguiram firmar neste os seus princípios religiosos, evidentemente não tem o direito de apelar para o pátrio poder, para compellar, pela força da lei, que o filho siga ou deixe de seguir determinado credo.

3) Qual seria a decisão do Juizado de Menores se alguém quisesse exercer o seu pátrio poder para proibir ao filho de frequentar uma Igreja de uma das religiões mais estabelecidas? Deixo a resposta aos leitores.

Discutir no caso se o crescimento ou como muitos dizem a "Invasão das religiões orientais" é um bem ou não, certamente não cabe. Alguns dizem que é uma moda. Se for moda, deverá ser fenômeno passageiro. Mas seja como for todos tem o direito de escolher a sua religião ou mesmo seguir determinada moda.

Mas o movimento HARE KRISHNA fi-

nalmente tem que características?

É o ramo ocidental do Vaisnavismo, uma das principais vertentes do hinduísmo, religião dominante da Índia. O livro fundamental da sua doutrina é o BHAGAVAD-GITA, que faz parte da grande epopéia MAHABHARATA, sendo uma das grandes obras clássicas religiosas do mundo. Dentro do conjunto da grande epopéia que descreve a longa luta fratricida entre Pandavas e Kauravas, fonte de inspiração da literatura, poesia e teatro de todo espaço Índico, o BHAGAVAD-GITA representa algo todo especial, uma pausa de reflexão, onde Krishna — encarnação divina — mantém um diálogo com Arjuna um dos heróis da epopéia. Já se afirmou que o BHAGAVAD-GITA representa para os indus o que significa o Sermão da Montanha para os Cristãos.

Na realidade o diálogo entre Krishna e Arjuna ultrapassa a problemática ética que surge naturalmente neste intervalo das batalhas do Mahabharata. Duas correntes principais perpassam toda obra: a questão filosófica que descreve o que Deus é — além do problema religioso que define o que o homem pode fazer para chegar a Deus.

Do ponto de vista filosófico estamos diante de um dualismo: Krishna como Deus pessoal (encarnado) e de outro lado totalmente espiritual, imanente, como "último ratio". O caminho religioso é tripartido: Karma-Yoga (O caminho das obras), Bhakti-Yoga (o caminho da das obras), Bhakti-Yoga (o caminho do conhecimento) que levam à união mística com Deus.

O famoso naturalista norte-americano Henry Thoreau, precursor nostálgico do

moderno pensamento ecológico afirmou: "Pela manhã banho meu intelecto na extraordinária, cosmogônica filosofia do Bhagavad-Gita, perante o qual o mundo moderno e sua literatura tornam-se triviais e insignificantes."

Até que ponto os modernos seguidores do Bhagavad-Gita conseguem assimilar o espírito de renúncia e a busca de transcendência que emana de Bhagavad-Gita, é outro problema. Todas religiões aliás enfrentam à mesma questão: Até onde é possível vivenciar a essência religiosa e em que ponto esta começa dissolver-se em ritos, fórmulas e liturgia?

Os problemas religiosos são principalmente para adultos?

Quando surge com mais força a pergunta: De onde Viemos, para onde Vamos? Com certeza na juventude. Os adultos tem geralmente o hábito de olhar para os jovens e crianças como projetos de adultos, como imperfeitos estágios que culminam com a maturidade. Com a mesma justiça, ou talvez com mais, poderá se definir o adulto como criança atrofiada, privada de criatividade, imaginação, originalidade. Sei que não tem culpa: Apenas vivem há bem mais tempo numa sociedade errada, esterilizada desde as raízes.

Em suma: O problema não é defender o Hare Krishna. Trata-se em geral da liberdade religiosa. E da liberdade do jovem que ainda pensa, que ainda é capaz de agir de maneira altruística, que ainda chora, que ainda ri, que ainda não pendurou as chuletras.

Sim, trata-se da liberdade dos jovens, ainda capazes de assumir um compromisso com a vida e os homens!

# ABERTURA

## CULTURAL

### A Bomba Atômica e o Carroço Duro do Revanchismo Alemão OTTO BUCHSBAUM

Que a totalidade da chamada aplicação pacífica da energia nuclear, pomposamente chamada "Atomos para a Paz" é um logro, é um fato que só lentamente está sendo absorvido pela opinião pública mundial.

Quando Oppenheimer depois de Hiroshima e Nagasaki sentenciou: **Agora a Física conheceu o pecado**, muitos se lançaram ao esforço de mostrar a outra face da medalha, a energia benfazeja produzida pela desintegração atômica, que iria aliviar o fardo de trabalho dos homens e levar todos a uma nova era de bem-aventurança.

Todas estas esperanças se esfalelaram: As consequências ecológicas das usinas nucleares, os riscos genéticos das radiações, o problema insolúvel da guarda de resíduos radioativos por enormes espaços de tempo, o risco de catástrofes e outros fatores negativos que vem surgindo, combinam-se agora com a prova que as usinas nucleares são anti-econômicas com instalações caríssimas e de curto prazo de utilização, com a crescente escassez de urânio e com os enormes gastos de energia na construção, preparação do combustível e manutenção, o que torna problemático se as usinas nucleares em geral apresentarão um superavit em energia.

Mas deixemos de lado todos estes fatores demasiadamente conhecidos e debatidos, que atualmente só estão questionados pelas empresas diretamente interessadas, seus advogados e inocentes úteis.

Vamos concentrar-nos nas implicações do acordo nuclear Brasil-Alemanha, levando em conta as preocupações que uso pacífico e uso militar são inseparáveis. Este ângulo da questão provocou de um lado a intervenção do governo de Jimmy Carter — e do outro lado uma reação nacionalista, que pretende colocar o caso em termos de soberania nacional e luta contra o subdesenvolvimento.

#### OS ANTECEDENTES DO ACORDO NUCLEAR BRASIL-ALEMANHA

Os países do terceiro mundo se ressentem justificadamente pelos prejuízos de termos de comércio impostos e pela exploração por parte dos países industriais, com destaque para a falta de acesso às inovações tecnológicas.

Se o Brasil após a II Guerra Mundial procurou aproximar-se da Alemanha por intermédio do Almirante Alvaro Alberto Motta e Silva, para adquirir tecnologia nuclear, a intenção era romper um cerco tecnológico. Numa transação secreta, pelo preço de 80 milhões de dólares adquirimos, ou melhor pretendíamos adquirir uma instalação de produção de urânio enriquecido pelo método de ultracentrifugação. Os cientistas alemães e as instalações industriais que fizeram este acordo com o Brasil, já tinham desenvolvido estas técnicas em plena guerra, sob comando de Hitler. Que estes ex-nazistas conseguiram executar a encomenda em plena zona de ocupação nor-

te-americana foi uma verdadeira proeza. Só com tudo pronto, prestes para o embarque para o Brasil, as autoridades de ocupação descobriram o plano e confiscaram a instalação atômica já encalxiada e que seria montada pelos técnicos alemães no Brasil.

O aqodamento com a qual grupos alemães embarcaram na proposta brasileira, visava além dos 80 milhões de dólares também outros objetivos — quer dizer, uma participação na tecnologia que era impossível continuar desenvolvendo na Alemanha.

O sociólogo norte americano L. Edinger afirma nos seus estudos que em geral os estados totalitários produzem uma espécie de anti-elite, uma elite que vive na sombra, pronta para assumir o poder com a queda da ditadura. A Alemanha Nazista, admite Edinger, não criou uma anti-elite. Como resultado, o governo alemão após a guerra recorreu, nas administrações públicas, nas universidades, na economia etc., ao recrutamento dos quadros experientes da administração anterior, desde que não houvesse um liame demasiadamente flagrante com os crimes de guerra da ditadura. Aí está a explicação do estranho negócio atômico, que institutos científicos alemães, círculos oficiais e indústrias, tentaram por baixo do nariz da fiscalização norte-americana.

#### O ACORDO NUCLEAR BRASIL-ALEMANHA

No começo de 1975, o primeiro-ministro australiano Gough Whitlam visitou a Alemanha Federal, propondo uma colaboração ampla no terreno nuclear. A Austrália, com mais de 20% dos depósitos de urânio conhecidos do mundo ocidental, apresentou-se como parceiro muito credenciado. A Alemanha necessitava acima de tudo urânio, a oferta australiana era muito favorável, e a Austrália como país democrático e grande solidez financeira, se constituía num sócio altamente desejável e respeitável.

Para a consternação dos australianos, e também dos círculos econômicos europeus, a Alemanha não mostrou interesse algum numa colaboração com a Austrália.

Em junho de 1975 fechou-se o chamado acordo nuclear Brasil-Alemanha: O acordo previa a transferência da tecnologia nuclear alemã ao Brasil, e em troca uma participação alemã na exploração do urânio brasileiro. O estranho na transação é que o urânio brasileiro precisa ainda descobrir, e não há nenhuma indicação que o Brasil sequer conseguirá descobrir urânio suficiente para as próprias usinas nucleares planejadas. Em setembro de 1975, o African National Congress publicou uma farta documentação sobre um tratado secreto de colaboração entre a Alemanha Federal e a República Sul-africana, um acordo já em execução prática, feito exatamente com o país mais execrado do mundo por causa da sua política de Apartheid.

A pergunta que em seguida se lançou no mundo todo foi: Por que Brasil e República Sul-africana e não Austrália.

#### AO ENCONTRO DO PORQUE

Olhando para os antecedentes históricos surge logo a indagação: Será que a Alemanha novamente tem planos de rearmamento e de desforra militar? Acusar o governo Schmidt proveniente da coligação social-democrata com os liberais de uma intenção como esta, seria sem dúvida uma injustiça. A política da atual coligação governamental tem sido de uma aceitação pragmática da realidade, uma política consciente de distensão e paz. Mas na atual era da tecnoburocracia os governos reinam, são figuras de proa, mas não governam de fato. As diretrizes, as informações, os processos com os pareceres, vem de escalões intermediários.

Quem são estes escalões intermediários? Quem perambula por repartições alemães, por institutos científicos, grandes empresas, se tiver a habilidade de fazer as pessoas falar, dando corda, estimulando com perguntas inteligentes e capciosas, vai descobrir que o trauma da guerra perdida, atinge camadas amplas, não só os contemporâneos da derrota, mas mesmo as gerações posteriores. É tão fácil ouvir que Koenigsberg, a cidade de Kant, na antiga Prússia Oriental, e agora incorporada à União Soviética, agora chamada Kaliningrad, não pode ficar para sempre perdida para a nação alemã. Nem se fale na Alemanha Oriental e nos territórios além do Oder incorporados na Polônia. Se perguntar como se vai conseguir tudo isso de volta, colherá um enclher de ombros ou a resposta que o tempo se encarregará de tudo.

Quem pensa assim tem que cuidar do rearmamento. A Alemanha não pode desenvolver armamentos atômicos no seu próprio pequeno território. Há tempos se fala que dentro da administração alemã tem um carroço duro de um nacionalismo revanchista. Um carroço muito ativo, muito capaz, muito influente. Enquanto na área política agem demagogos do tipo Strauss, com tanta eficiência que conseguiu desmantelar o partido neonazista, por convencê-los que ele e os seus são uma solução mais viável, mais pragmática, enquanto estes agem na superfície, o carroço duro do revanchismo se vai infiltrando, informando processos, filtrando informações.

A Austrália como parceiro não era conveniente, tem muito urânio, muita estabilidade, bom conceito — mas é uma nação anglo-saxã, descobrindo que os "técnicos" alemães estão desenvolvendo armas para seu uso, imediatamente iriam notificar os norte-americanos e ingleses.

A África do Sul por sua vez está numa situação tão desesperada para defender o Apartheid e a supremacia branca, que costosamente se alinha ao lado dos alemães. Aliás, o próprio Vorster, governante sul-africano esteve preso durante a segunda guerra mundial como colaborador dos nazistas.

O Brasil por sua vez tem tão poucos técnicos nucleares e de instrução tão teórica, que nem perceberão e entenderão o que seus colegas alemães estão fazendo.

Trata-se da aquisição da África do Sul e do Brasil como campo de prova para a evolução da tecnologia da guerra nuclear pelos alemães. E capacidade para fabricar os portadores das bombas, foguetes sofisticados também não falta.

E lógico, se esta hipótese for correta, Schmidt, Genscher e todos os negociadores brasileiros entraram como inocentes úteis. E há muitas provas que é assim, na Argentina os "técnicos" alemães também já estão agindo, já se constatou um desvio de mais de 50 quilos de plutônio da Usina de Atucha. É um plano a longo prazo, até lá os sociais-democratas já estarão na oposição, ou quem sabe nos Campos de Concentração. E haverá um patriota, mais duro que Strauss na liderança, para libertar Koenigsberg, berço de Kant, nem que seja transformado em cinzas.

A proliferação das armas atômicas pelos países subdesenvolvidos já é um grande perigo, quanto mais sócios o clube atômico tiver, mais riscos surgem. É um perigo que precisa evitar. Mas uma Alemanha nuclearizada, uma Alemanha que marcha de novo, isso rompe todos parâmetros. É nesta perspectiva que pensam hoje o sociais-democratas alemães, muitos lembram ainda os Campos de Concentração, as covas rasas onde estão as ossadas de velhos companheiros, e eles não tem ilusão, que no dia R (da Revanche) eles serão as primeiras vítimas.

Nisso pensa Jimmy Carter, Walter Mondale, os círculos pensantes em países como a França, Itália, Polônia, União Soviética. E nisso precisamos pensar nós no Brasil, para não ser instrumento, instrumento no caminho da fatalidade.

Costuma-se chamar a energia nuclear (mesmo a tal "pacífica") e as bombas atômicas — como o QUINTO CAVALEIRO DO APOCALIPSE — mas este na mão de uma Alemanha guerreira serão todos CAVALEIROS SOLTOS NUM SÓ ATAQUE.

Não pensem que sou contra os alemães, de maneira alguma, tenho muitos amigos lá, mas não quero que estes pela mão da violência se reúnem aos outros que Hitler já mandou para as valas comuns.

Já alertei meus amigos e muitos me responderam: Fique calmo, também estamos pensando nisso, e vamos agir, vamos nos defender — e defender o mundo.

Mas não estou calmo: Hitler em "MEIN KAMPF" (MINHA LUTA) anunciou todas suas intenções, as pessoas leram, tomaram conhecimento — e mesmo assim quase engolfou o mundo todo na sua violência e seus crimes.

#### VAMOS FICAR TODOS VIGILANTES!

Como já disse Brecht: O VENTRE QUE GEROU O MONSTRO CONTINUA FÉRTIL.

E imaginem, se a História se repete, com o monstro nuclear a serviço do monstro nazista! O que será deste mundo?

**Jade Jóias**  
Jóias, souvenirs e presentes.  
Modelos exclusivos.  
Jewels and souvenirs  
Exclusives Models  
**THE JEWELS' DREAMLAND**  
R. XAVIER DA SILVEIRA, 45 SALA 807  
Tel. 235-0677 COPACABANA

Elegância, Qualidade e Exclusividade  
você só encontra em  
**Over-Joy**  
MODAS  
Av. Copacabana, 664 - Loja 22  
Galeria Menescal - Tel. 235-5725

**VOGUE VOGUE**  
**SHAMPOO DE MEL VOGUE**  
A Beleza e a Precisão dos Favos de Mel  
**HAIRSPRAY VOGUE TAMANHO GIGANTE**  
Pronta Entrega - Pedidos pelo Tel. 252-5966  
Rua Santa Luzia, 797 Rio tel. 252-5966